

CENTRO UNIVERSITÁRIO MOURA LACERDA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

O Papel da Disciplina de Educação Física na Minimização da Indisciplina Escolar

José Eduardo Costa de Oliveira

Ribeirão Preto

2004

CENTRO UNIVERSITÁRIO MOURA LACERDA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

O Papel da Disciplina de Educação Física na Minimização da Indisciplina Escolar

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação do Centro Universitário Moura Lacerda de Ribeirão Preto, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de Concentração: Educação Escolar.

Orientador (a): Prof^a. Dr.^a Ignez Harumi Hokumura.

Ribeirão Preto

2004

CENTRO UNIVERSITÁRIO MOURA LACERDA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

O Papel da Disciplina de Educação Física na Minimização da Indisciplina Escolar

Comissão julgadora:

Prof^a. Dr.^a Ignez Harumi Hokumura.

Orientador (a)

Prof^a. Dr.^a Marlene Fagundes C. Gonçalves.

2º Examinador (a)

Prof^a. Dr.^a Míriam Cardoso Utsumi.

3º Examinador (a)

Ribeirão Preto, 03 de Junho de 2004.

EPÍGRAFE

Sonhei, trabalhei mas fracassei,

Continuei sonhando, corriji meus erros,

trabalhei ainda mais e venci!

AGRADECIMENTOS

A minha orientadora, a Prof^a. Dr.^a Ignêz Harumi Hokumura, a Prof^a. Dr.^a Marlene Fagundes Carvalho Gonçalves, a Prof^a. Dr.^a Míriam Cardoso Utsumi e a todo o corpo docente e discente do curso de Mestrado em Educação do Centro Universitário Moura Lacerda, pelos estímulos nos momentos de fraqueza e pelo companheirismo ao longo de nossa jornada na busca incessante do aprimoramento de nossas capacidades profissionais e pela luta em função de uma educação com mais equidade para todo o povo brasileiro .

DEDICATÓRIA

Ao meu Pai:

Pai,

O Senhor não pode estar aqui no dia de minha defesa, foi tudo tão derrepente, não deu tempo de te ajudar, de nos despedirmos, nem ao menos do senhor conhecer a Camila, porém gostaria de dizer-lhe que nesta vida não sei se te escolhi como Pai ou se fui escolhido como filho, mas caso eu tenha a oportunidade de escolha numa próxima saiba então que estaremos juntos para sempre!

Te vejo nos meus sonhos!

Fique com Deus!

Às pessoas, que simplesmente representam tudo o que tenho em minha vida:

José Silvino de Oliveira (in memorian),

Maria Sylvia Ferreira Costa de Oliveira,

Maria Leticia de Oliveira Parada,

Karolina de Oliveira Parada,

Sara Faleiros Migliano e

Camila Migliano de Oliveira.

Ó MARIA,
CONCEBIDA SEM PECADO,
ROGAI POR NÓS,
QUE RECORREMOS A VÓS.
AMÉM!

RESUMO

Com o objetivo de refletir sobre os fatores relacionados a indisciplina escolar e caracterizar o aluno indisciplinado, foram entrevistados informalmente 50 alunos de uma escola pública da periferia da cidade de Ribeirão Preto, SP, indicados pelo conselho da escola. Os resultados apontaram que a maioria dos sujeitos da amostra residiam em bairros de classe baixa, com pais de pouca escolaridade, desempregados e com antecedentes criminais. Grande parte dos sujeitos não trabalhava e já havia passado por instituições correccionais. Com relação à escola, o índice de reprovações por ausências às aulas era elevado. Esses alunos afirmaram serem a merenda e as aulas de educação física os maiores atrativos da escola. Desta forma, acredita-se que a referida disciplina possa ser uma importante ferramenta na minimização da indisciplina escolar. Partindo desta constatação, foram aplicados nessa disciplina, três projetos de intervenção pedagógica com o objetivo de integrar o aluno e construir hábitos saudáveis de saúde e higiene e valores como respeito mútuo, responsabilidade e cooperação, que ilustram alternativas para se lidar com a questão da indisciplina escolar.

Palavras-chaves: práticas curriculares; construção de valores; Educação Física.

ABSTRACT

50 students belonging to a public school of Ribeirão Preto were informally interviewed in order to think about the factors that are related with the scholar indiscipline and to characterize the undisciplined student. The School Counsel indicated these students. The results showed that most of the interviewed students lived in poor neighborhoods. Additionally, their parents had low scholarship and were unemployed and had criminal antecedents. Most of the students did not work and they had been passed to corrections institutions. As to the school, the reproval index was elevated. These students affirm that the most attractive thing in the school were the lunch and the Physical Education classes. Thus, the referred discipline may be an important tool in minimizing the scholar indiscipline. In view of these considerations, three pedagogic projects were applied in the physical education subject in order to teach the students healthy habits, hygiene, mutual respect, responsibility and cooperation. The proposal illustrates some alternatives to deal with scholar indiscipline.

Key words: Curriculum practices; Building merits; Physical Education.

SUMÁRIO

Resumo -----	08.
Abstract -----	09.
Lista de Tabelas -----	12.
Lista de Figuras -----	14.
Lista de Siglas e Abreviaturas -----	15.
Introdução -----	17.
Capítulo I. – Revisão Bibliográfica -----	24.
Capítulo II. – A Indisciplina Escolar -----	44.
Capítulo III. – Delineamento do Estudo -----	56.
- Método -----	56.
- Procedimentos de Pesquisa -----	57.
- Sujeitos -----	60.

Capítulo IV. – Descrição dos Projetos Pedagógicos -----	62.
- Projeto Monitores da Bagunça -----	63.
- Projeto Reciclar -----	65.
- Projeto Cidadão -----	67.
Capítulo V. - Análise de Dados -----	71.
- Caracterização da Escola -----	71.
- Caracterização do Aluno considerado Indisciplinado -----	76.
Capítulo VI. – Considerações Finais -----	91.
Referências Bibliográficas -----	94.
Anexos -----	101.
- Anexo I – Roteiro da Entrevista Semi-estruturada -----	102.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Distribuição dos sujeitos de acordo com o tipo de moradia-----	78.
Tabela 2	Distribuição dos sujeitos de acordo com a etnia-----	78.
Tabela 3	Distribuição dos sujeitos de acordo com os responsáveis pela sua educação fora da escola-----	79.
Tabela 4	Distribuição dos sujeitos de acordo com os familiares com antecedentes criminais--	80.
Tabela 5	Distribuição dos sujeitos de acordo com as passagens por instituições correcionais-	81.
Tabela 6	Distribuição dos sujeitos de acordo com o nível de escolaridade dos pais-----	81.
Tabela 7	Distribuição dos sujeitos de acordo com a inserção dos familiares no mercado de trabalho-----	82.
Tabela 8	Distribuição dos sujeitos de acordo com os tipos de ocupações de seus pais-----	82.
Tabela 9	Distribuição dos sujeitos de acordo com o local preferido de permanência quando não estão na escola-----	84.
Tabela 10	Distribuição dos sujeitos de acordo com o que eles mais gostavam na escola---	85.
Tabela 11	Distribuição dos sujeitos de acordo com o que eles menos gostavam na escola-	86.
Tabela 12	Distribuição dos sujeitos de acordo com o familiar que os alunos mais gostavam e menos gostavam-----	87.

Tabela 13 Distribuição dos sujeitos de acordo com o motivo pelo qual não gostavam dos pais e padrastos----- 88.

Tabela 14 Distribuição dos sujeitos do gênero masculino de acordo com a aspiração profissional futura----- 88.

Tabela 15 Distribuição dos sujeitos do gênero feminino de acordo com a aspiração profissional futura----- 89.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Visão das rachaduras da quadra da escola-----	71.
Figura 2	Visão geral da quadra de esportes-----	72.
Figura 3	Crianças jogando bola-----	72.
Figura 4	Traficante invadindo a escola-----	73.
Figura 5	Alunos consumindo drogas na escola-----	73.
Figura 6	Aluna pulando o muro da escola-----	74.
Figura 7	Na quadra, tabela de Basquetebol com o aro arrancado pelos alunos-----	75.
Figura 8	Iniciais de um aluno no capô do carro de um professor-----	75.
Figura 9	Riscos na porta do carro do diretor-----	76.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AIDS	Termo em inglês referente a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
ACT	Admitidos em caráter temporário
CODERP	Companhia de Desenvolvimento Econômico de Ribeirão Preto
CPP	Centro do Professorado Paulista
DF	Distrito Federal
Dr. ^a	Referente a portadora do título de Doutorado
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EE	Escola Estadual
EF	Ensino Fundamental
EM	Ensino Médio
ES	Referente ao Estado do Espírito Santo
FEBEM	Fundação Estadual do Bem Estar do Menor
Jr.	Júnior
LA	Liberdade Assistida
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação e da Cultura
MG	Referente ao Estado de Minas Gerais
Prof. ^a	Professora
Prof.	Professor
PIB	Produto Interno Bruto

SC	Referente ao Estado de Santa Catarina
SP	Referente ao Estado de São Paulo
UE	Unidade de Ensino
US\$	Referente ao Dólar - moeda Norte Americana
USP	Universidade de São Paulo
WN	Iniciais de um aluno, menor de idade, da unidade de ensino pesquisada

INTRODUÇÃO

“No sistema educacional, a contestação à autoridade, tem como consequência a sua ineficiência e a rejeição da razão. O aluno é duplamente sacrificado, pois sua exclusão é o resultado da violência feita contra a educação, o que lhe impossibilita interiorizar racionalmente valores morais, políticos, sociais, culturais e éticos e igualmente, ser excluído da associação humana, livre, plural e democrática” (ARENDR, 1985, p. 16).

Este trabalho apresenta os resultados de projetos pedagógicos realizados pelo professor da disciplina de Educação Física com seus alunos em uma unidade de Ensino Fundamental da rede pública da cidade de Ribeirão Preto, S/P. Dois são os objetivos deste trabalho de pesquisa: identificar os fatores determinantes da indisciplina escolar e caracterizar o aluno indisciplinado. Desta forma, espera-se que o presente estudo possa contribuir com a minimização da ação indisciplinada através da inclusão dos alunos indisciplinados no processo de aprendizagem.

A indisciplina escolar deixou de ser um evento ocasional no dia-a-dia de educadores e de educandos do ensino público e privado nas escolas brasileiras. Esse fenômeno constitui, atualmente, um dos maiores obstáculos pedagógicos nos diferentes níveis de ensino, do fundamental ao universitário, por interferir diretamente no processo ensino-aprendizagem, evidenciando tanto as dificuldades do professor para ensinar quanto as dos alunos para aprender. Essa realidade é corroborada por Rego (1998), que assevera que a indisciplina, que se revela de diversas formas - entre elas a depredação do espaço escolar -, muitas vezes inviabiliza o processo de ensino-aprendizagem e torna impotentes educadores, orientadores e diretores.

Estrela (1992), já afirmava que a questão da indisciplina está intrinsecamente ligada à questão do fracasso escolar, o que gera um círculo vicioso: o aluno indisciplinado na sala de aula é geralmente o mesmo que não aprende e porque não aprende, é indisciplinado.

Por que alguns educadores não obtêm êxito para lidar com a indisciplina escolar? O que eles sabem sobre o problema? Talvez conheçam pouco as causas, bem como o processo de seu desenvolvimento. Além disso, alguns professores parecem julgar unilateralmente, dizendo que o problema é apenas dos alunos, não se dando conta de que a sua prática pedagógica pode interferir de modo significativo na determinação da questão.

Segundo Estrela (1992), há estudos que mostram a relação entre a indisciplina escolar e a formação de professores. A autora assevera ainda que a indisciplina escolar ultrapassa o limite da sala de aula: são eventos freqüentes do cotidiano escolar a depredação do espaço escolar, os roubos, as discussões, os desentendimentos e as brigas entre os pares e as gangues que se formam no interior da escola, sem contar que muitas vezes os professores se tornam vítimas de comportamentos violentos, ameaças e agressões de alunos indisciplinados. Já se admite que a indisciplina escolar começa a evoluir para condutas de violência, e que a escola tem sido palco de graves acontecimentos para alunos e agentes escolares.

A mídia não perde ocasião para noticiar tais fatos como assunto de polícia. Não há dúvida, portanto, de que a indisciplina escolar merece toda atenção, não só das autoridades educacionais como também de toda a sociedade.

O quadro acima retrata, de certa forma, a impotência de educadores, orientadores, diretores e famílias, bem como das autoridades educacionais, tais como as secretarias de educação, os conselhos tutelares e outros órgãos ligados à infância e à adolescência, que se empenham para tentar resolver ou pelo menos atenuar o problema. Para Rego (1998), é urgente superá-lo, pois se trata de uma questão que compromete não só o funcionamento da escola, como

também o desenvolvimento social desse aluno que sai dela com sérias defasagens de aprendizagem.

A indisciplina é um dos obstáculos a serem superados pela escola e, de acordo com Aquino (1996), pode-se constatar que existe uma carência bibliográfica sobre o tema, o que torna a ação do pesquisador um “ir fazendo” e /ou “ir interpretando” os achados do campo de pesquisa.

A descrição dos projetos pedagógicos realizados na presente pesquisa foi motivada pela necessidade de levar os alunos indisciplinados a se conscientizarem de que são elementos integrantes, ativos e parte fundamental da sociedade escolar; por isso, têm responsabilidade no cumprimento de regras que garantam o funcionamento da escola, das interações sociais e das relações interpessoais, da mesma forma que têm direitos e obrigações em relação ao processo de aprendizagem.

Essas condutas são norteadas pela ética. O professor, ao utilizar tais conceitos, preocupa-se com a formação da cidadania e com a educação moral que possibilitam aos alunos repensarem suas práticas em relação aos estudos e as condutas sociais a fim de que se integrem ao grupo-classe de que fazem parte e cujo objetivo primordial é a aprendizagem (BRASIL, 1997).

O conceito de ética profissional do professor, pressuposto nos projetos pedagógicos, está implícito na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Brasil (1996) e nos Parâmetros Curriculares Nacionais - Temas Transversais - (BRASIL, 1997). A ética regula tanto a ação docente como a discente e estabelece as diretrizes, reforçando a palavra-chave – conscientização.

O professor percebe, então, a necessidade de uma ação pedagógica diferenciada, que selecione os conteúdos a serem trabalhados junto com os alunos a partir da leitura da realidade de uma situação-problema e que ensine os valores morais (a cooperação, a solidariedade, a afetividade, o respeito, o limite, a justiça, o diálogo, entre outros), tudo isso entremeado pela

responsabilidade. Tanto o professor quanto o aluno caminham para a autonomia quando fundamentam a sua ação na ética.

O conteúdo proposto pelos projetos pedagógicos é composto de 50% de teoria e 50% de prática, e aborda questões de cidadania, de educação moral e de condutas socialmente aceitas, possibilitando ensinar que viver em sociedade requer do indivíduo o cumprimento das regras que asseguram o funcionamento social. Por exemplo, na disciplina de Educação Física o aluno deve aprender que a participação em atividades físicas requer o estabelecimento de relações equilibradas e construtivas entre um aluno e outro para que possa reconhecer e respeitar as características físicas e o desempenho de si próprio e dos outros sem discriminação física, sexual, racial ou social.

Uma outra atividade consistiu em realizar com os alunos, além dos conceitos específicos da disciplina de Educação Física, atividades que valorizem atitudes de respeito mútuo, dignidade e solidariedade em situações lúdicas e esportivas, repudiando qualquer espécie de indisciplina e violência.

Outro pressuposto nos projetos pedagógicos desenvolvidos foi conhecer, valorizar e respeitar a pluralidade cultural dentro da própria Unidade de Ensino, para que esses valores pudessem depois ser transferidos para outras situações de convivência social fora e dentro da escola, mostrando que a própria diferença é um recurso valioso para a aprendizagem e interação de todos.

O presente trabalho pretende contribuir para a compreensão da indisciplina escolar e fornecer alternativas teóricas e práticas para tentar compreender e amenizar essa problemática.

A pesquisa de campo, composta de entrevista e observações, foi realizada no ano letivo de 2002 e teve como alavanca principal uma experiência docente que se iniciou no ano de 1999, na cidade de Carapicuíba, na grande São Paulo/SP., em que foram ministradas aulas de Educação

Física pelo experimentador, numa unidade de ensino da Rede Estadual de Ensino Público localizada numa favela, dominada pela cultura e pelo poder dos traficantes de drogas. Essa favela era apadrinhada pelo grupo de pagode "Negritude Jr.", que procurava de alguma forma ajudar no combate ao tráfico de drogas.

Podem ser citados como alguns dos problemas e dificuldades que professores, alunos e funcionário enfrentavam: balas perdidas, toques de recolher, pagamento de pedágios, utilização da quadra por traficantes, entre outros.

A clientela dessa Unidade de Ensino era também fator preocupante, pois alguns alunos, andavam armados, eram traficantes e traziam grandes dificuldades para a prática pedagógica diária.

Depois de constatada tal situação, foram desenvolvidos alguns projetos dentro da escola, na tentativa de minimizar aqueles aspectos indisciplinados, impossibilitadores da prática pedagógica. A partir daí, especificamente dentro da disciplina de Educação Física, os resultados começaram a aparecer, apesar do pouco tempo de aplicação dentro da Unidade de Ensino – ocorreu a remoção do professor responsável pela disciplina para a cidade de Ribeirão Preto/SP.

A realidade da Unidade de Ensino na cidade de Ribeirão Preto/SP, era bastante semelhante à da escola de Carapicuíba: convivência com a violência, a indisciplina parecia ter se tornado uma cultura dentro da escola, as drogas e a marginalidade dificultavam o trabalho pedagógico.

Estes fatos causaram preocupação e inquietação no experimentador, motivando-o a estudar os determinantes da indisciplina e a aplicar, de forma sistematizada, os projetos iniciados na escola anterior a fim de caracterizar o aluno indisciplinado, como o objetivo de buscar propostas e alternativas para a reflexão sobre formas de lidar com os problemas disciplinares escolares, a partir do conhecimento dessa clientela.

De acordo com Daólio (1995), a Educação Física, disciplina centrada na prática social e pedagógica, estuda o homem e a atuação de suas potencialidades em movimento; os princípios fundamentais, como os de respeito a estas mesmas potencialidades; a interação com o meio; a conscientização corporal; a criatividade; a sensibilidade; o prazer; a construção corporal através de conhecimentos filosóficos e pedagógicos, recuperando a aquisição de conhecimentos e experiências já adquiridos.

Cabendo então, ao responsável pela disciplina, a identificação dos limites físicos e psicológicos do educando, considerando os vários estágios de desenvolvimento e de aprendizagem de cada aluno. A Educação Física é configurada com temas ou formas de atividades particularmente corporais, como jogos, esporte, ginásticas e danças, por meio dos quais o aluno deve apropriar-se da cultura corporal, envolvendo aspectos lúdicos, artísticos, agonísticos¹ e estéticos (DAÓLIO, 1995).

Através dos conteúdos adotados pela Educação Física escolar, espera-se que os alunos possam se conscientizar de que são elementos integrantes, ativos e parte fundamental da sociedade escolar. Também se objetiva fornecer ao aluno ferramentas para que ele possa solucionar problemas de ordem pessoal e corporal, além de introduzir conceitos de hábitos saudáveis de higiene, nutrição e saúde relativos a si próprio e à coletividade, valorizando todo o esforço individual, ratificando que a vitória só é alcançada com perseverança, regularidade e equilíbrio.

(1) Agonístico – seção de ginástica, referente à luta dos atletas da antiga Grécia (MANOEL; KOKOBUN; TANI; PROENÇA, 1998).

Segundo Aquino (1996), os educadores acreditam que uma das principais origens da indisciplina escolar é a dificuldade que o jovem tem em entender sua realidade social e de interpretá-la. Esse tipo de jovem não reconhece a existência de regras de convivência em sociedade.

Acredita-se também que um dos principais objetivos da Educação seja o de auxiliar na construção da autonomia do pensamento do sujeito, levando-o à conscientização, ao respeito às regras do grupo em que está inserido, à introdução de parâmetros como os de ética, para que ele possa, então, internalizar valores de conduta moral, reciprocidade e cooperação. Conseqüentemente, entende-se que um dos aspectos principais da Educação é a transformação das relações sociais estabelecidas dentro das escolas, das famílias e da sociedade, a fim de que se possa repensar a questão da indisciplina escolar.

A ação educativa, tal como toda ação social, implica relações sociais, interpessoais e intrapessoais, de maneira que sejam encaradas por uma ótica diferente, ou seja, visando às regras que devem ser cumpridas pelos sujeitos - o educando e o educador - e agindo por respeito mútuo, e não por condicionamento e/ou obediência (REGO, 1998).

Portanto, parece ser desejo da grande maioria dos educadores brasileiros a necessidade de uma busca efetiva da forma mais apropriada de entender e de administrar o ato indisciplinar, que se faz tão presente dentro das unidades de ensino e dentro das salas de aula. Por isso existe uma real necessidade de alguma disciplina específica e/ou da interdisciplinariedade apresentar alternativas para a solução desse problema.

CAPÍTULO I. – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

"A indisciplina denota a ausência da interiorização dos valores morais". (CASTILHO, 2001, p. 44).

O estudo de Lima (1999), objetivou descobrir quais seriam os valores morais e as estratégias disciplinares que regulavam a conduta docente e discente nas escolas públicas primárias do Estado de São Paulo, entre os anos de 1944 e 1965, para tanto, o referido autor examinou as recomendações para a conquista e a manutenção da disciplina presentes nos discursos das revistas e em manuais de didática utilizados nos cursos normais, além da legislação sobre disciplina em vigor no período considerado.

Mediante a descrição dos discursos veiculados em três periódicos educacionais da época, esta investigação procurou contribuir para a compreensão da maneira pela qual integrantes prestigiados do magistério explicavam o problema da indisciplina nas escolas públicas primárias.

Foi preciso ainda buscar compreender os processos em curso na história da educação no Brasil no mesmo período, de 1944 a 1965, de modo a conhecer a conjuntura em que as estratégias disciplinares identificadas neste estudo foram concebidas e adotadas. Concluindo que, os valores morais da época em questão, assim como, as estratégias disciplinares e a própria legislação, não se encaixariam no processo de manutenção da disciplina contemporânea, principalmente pela própria concepção da indisciplina escolar dos atuais educadores e dos valores agregados que a mesma carrega consigo, como por exemplo, o preconceito e a violência física e verbal à todos os agentes escolares.

A indisciplina, enquanto fenômeno complexo, articula-se no imbricamento das dimensões institucionais, tanto de ordem coletiva, quanto de ordem particular, ou seja, das práticas instituídas a partir de um conjunto de normas disciplinares regimentais e das regras regentes da conduta dos atores, reveladoras de seus processos de socialização (FERNANDES, 2000).

Tendo como referência a teoria de Émile Durkheim, foi realizado um estudo de caso, focalizando o engendramento da indisciplina no cotidiano de uma escola pública de ensino fundamental de Divinópolis/MG, e utilizando-se de análise documental e de entrevistas com os diferentes atores envolvidos, direta ou indiretamente, nas ocorrências disciplinares registradas, e por meio dele, buscou-se obter resposta para a questão título da pesquisa: a indisciplina engendrada no cotidiano escolar é uma velha questão ou um novo problema?, numa interlocução constante entre os dados da realidade pesquisada, a teoria de Durkheim e o conhecimento tácito pessoal.

Segundo Fernandes (2000), conclui-se que pelo engendramento da indisciplina no cotidiano escolar como uma velha questão que, diante dos desafios do momento contemporâneo, transmuta-se em um novo problema e, como tal, precisa ser analisada, avaliada e repensada.

O mesmo autor aponta como saída, que a Escola se constitua num espaço formador e não conformador, num espaço que abrigue as diferenças ao mesmo tempo que contenha a regra como um recurso a solidarizar jovens e adultos nas suas tarefas cotidianas, nos espaços e tempo da escola.

A pesquisa de Medeiros (2001) teve como objeto de estudo os impasses com os quais um professor se depara na sua prática diária, vistos como aquilo que, no campo da educação escolar, convencionou-se denominar "problemas de indisciplina".

Dizendo respeito às vicissitudes implicadas no viver juntos, tais impasses são responsáveis, pois, por um verdadeiro mal-estar na educação, na medida em que o discurso

educacional, quer situando-se numa perspectiva crítica acerca das práticas disciplinares na escola, quer definindo-se em torno de diferentes correntes psicológicas, com o objetivo de auxiliar os professores, toma como referência uma reflexão sobre o tema, privilegiando fundamentalmente a consciência, e, mais ainda, na medida em que a experiência escolar nos mostra quotidianamente que algo nas nossas ações escapa àquilo que a razão determina, e nos voltamos para a teoria psicanalítica com o objetivo de interrogar se a ética construída a partir da experiência analítica, teria algo a dizer à educação escolar (MEDEIROS, 2001).

Para tanto, Medeiros (2001), tomou como recorte privilegiado os volteios em torno do sentimento inconsciente de culpa que Freud constatava no discurso dos seus pacientes, o que o leva a pensar a questão da moralidade.

A releitura lacaniana da obra de Freud introduz, na gênese da dimensão moral, o desejo. Este, tendo como condição necessária a perda, presentifica-se como um furo - a Coisa - designado como um produto da operação da linguagem. Nesse sentido, aquilo que governa o sujeito diz respeito à Coisa, inominável, e, para sempre, insatisfeita (MEDEIROS, 2001).

Baseado nesta teoria, acima citada, Medeiros (2001), pode demonstrar que a pergunta sobre o que poderia vir a organizar, de forma conclusiva, o espaço escolar, para que algo da ordem de uma transmissão de conhecimento seja possível, é uma questão sem resposta. Tal advertência pode permitir que o professor, livre dos ideais que organizavam o seu exercício profissional, possa vir a sustentar um campo de aposta, em última instância sempre inacabada, de responsabilização pela transmissão de uma parcela dos conhecimentos que os homens construíram atrás de si.

No estudo de Andrade (2001), estudou-se a relação família e escola, objetivando encontrar os possíveis elos de ligação entre estas duas instituições, nas origens e/ou nas causas da indisciplina, fenômeno este presente nas salas de aula de nossas escolas.

Para tanto, o mesmo autor realizou um estudo teórico, sendo que, nos dois primeiros capítulos, atentou às considerações críticas provenientes de leituras de Foucault, Vygotsky, Piaget e Freud, e com reflexões sobre a relação professor e aluno, e os efeitos da indisciplina, agressividade e violência em sala de aula, abordando-se, por fim, a família.

A pesquisa empírica foi realizada numa escola pública, e envolveu 14 alunos de 5ª série do ciclo I, no ano de 2000, todos eles considerados pelo corpo docente e administrativo da escola como alunos indisciplinados.

Foram objeto da pesquisa empírica também os pais desses alunos e todos os professores que lecionaram na 5ª série desse ano. Os entrevistados foram ouvidos quanto à opinião acerca da indisciplina; das características da indisciplina; da relação que a indisciplina apresenta com a família e sobre os fatores determinantes da indisciplina.

Os resultados obtidos com as entrevistas semi-estruturadas foram analisados e Andrade (2001), concluiu que, apesar de ser possível a utilização das linhas da psicologia para entendermos o fenômeno "indisciplina", o problema é mais amplo e reside no aspecto político, e que além de medidas de caráter assistencial e paliativas, uma mudança efetiva só pode ser pensada seriamente a partir de um prisma conjuntural, devendo a sociedade civil pressionar as autoridades competentes por respostas políticas mais eficientes no tratamento dos problemas dos quais derivam a indisciplina.

Do mesmo modo, para se compreender a interação entre ambiente, professor e aluno, como assevera Silva (2001), é necessário que se entenda a participação do fator ambiental nas relações que o indivíduo estabelece com o outro social, consigo mesmo, com o conhecimento e as ações que ele desencadeia nesse mesmo ambiente.

Silva (2001), objetivou investigar as significações que quatro professores provenientes de um ambiente economicamente favorecido, elaboraram sobre o ambiente de uma escola da

expansão do Recanto das Emas, no Distrito Federal, e sobre seus alunos em conflito com a escola, que estudavam e moravam neste meio desfavorecido e com os quais interagiam em situações formais de ensino.

O referencial teórico adotado por Silva (2001), incorporou a abordagem ecológica do desenvolvimento humano de Urie Bronfenbrenner, por sustentar que diferentes tipos de ambientes originam padrões distintos de papel, atividade e relações intersubjetivas. Participaram do referido estudo, quatro professores de nível sócio-econômico considerado médio e que lecionavam em uma escola pública que atendia aos moradores da Expansão do Recanto das Emas e cinco adolescentes, alunos destes professores, com faixa etária entre 13 e 16 anos de idade que se encontravam em conflito com a escola.

No mesmo estudo, o autor entendeu por relações conflituosas, a situação de alunos que já tiveram algumas passagens pela direção da instituição por atos de violência verbal e/ou física.

Os dados foram coletados através de entrevistas semi-estruturadas com os professores e os alunos, registradas em fitas de áudio e categorizadas. Os resultados apontaram para a emergência de uma unificação de discursos entre os atores da pesquisa. Os sentidos atribuídos pelos professores ao contexto no qual se encontra a escola, às representações sobre como se vive e o que é viver em ambientes pauperizados possuem um efeito polifônico para os alunos. Estes discursos aparecem como justificadores de indisciplina, de fracasso escolar e, ainda, de agressões físicas ou verbais ocorridas em sala de aula (SILVA, 2001).

Por outro lado, o estudo de Castilho (2001) teve como principal objetivo investigar indivíduos envolvidos em situações de indisciplina escolar, analisando o comportamento indisciplinado dos mesmos, com base no arcabouço conceitual proposto por Lawrence Kohlberg, especificamente no que se refere ao estágio dois do nível pré-convencional .

Castilho (2001), realizou observações em sala de aula, do comportamento de alunos de escola pública, com idade de 9 a 10 anos, indicados como indisciplinados, e entrevistas orais com os mesmos, afim de verificar quais valores estavam embutidos nos atos indisciplinados e como estava constituído o universo conceitual de cada um em termos de juízo moral.

Nas entrevistas, o autor utilizou-se de duas histórias, envolvendo dilemas morais e perguntas diretas, dando oportunidade para que falassem sobre valores convencionais aceitos pela sociedade.

O confronto coletado com o confronto proposto por Kohlberg confirmou que no plano conceitual, para o estágio dois, seu método é efetivo e válido para compreender o ser humano nesta fase infanto-juvenil, mais concretamente, em nível do comportamento, os pressupostos de Kohlberg não se confirmaram, pois há um descompasso entre o discurso das crianças analisadas e a prática.

Castilho (2001) concluiu que, nesse sentido, a hipótese inicial do estudo: "indisciplina é uma forma de exteriorizar valores morais" não foi confirmada, ao contrário, a indisciplina denota a ausência de interiorização dos valores morais.

Segundo a pesquisa de Müller (2000), que tematizou a questão da disciplina/indisciplina na escola e suas implicações na prática pedagógica dos professores, entendendo que o problema não se resume nem aos condicionantes sociais da educação, nem à incompetência dos professores, a pesquisa avança sob um "ponto de vista pedagógico", entendido como reflexão que se volta para a práxis concreta da sala de aula, mediante o enfrentamento dos problemas que aparecem em seu âmbito, no caso específico, os referentes às normas disciplinares e ao modo de pô-las em prática.

No primeiro capítulo da referida pesquisa, o autor situa brevemente como a questão da disciplina/indisciplina aparece na recente literatura pedagógica brasileira, de modo especial sob o

ponto de vista das relações professor-aluno. Uma ilustração do que acontece na escola, expressando o que pensam pais professores e alunos, complementa a primeira parte deste estudo.

No segundo capítulo, busca-se, em primeiro lugar, uma referência conceitual para a disciplina/indisciplina no intuito de, em seguida, desenvolver algumas questões correlatas, como o gerenciamento de classe, as formas de exclusão do diferente, as relações de poder e a distribuição de tempo e espaço no âmbito da sala de aula.

No capítulo final, desenvolve-se uma argumentação em favor da disciplina na escola enquanto condição para a formação do educando. Com base nas reflexões acerca do brincar, busca-se mostrar que a regra e a disciplina são inerentes ao próprio modo de ser da criança e fundamentais para o seu desenvolvimento. Por fim, com base na ressignificação de conceitos como disciplina, poder, ordem e autoridade, tematiza-se o próprio poder da disciplina enquanto condição fundamental de toda e qualquer ação organizada que se proponha metas a cumprir (MÜLLER, 2000).

O trabalho de Nunes (2000) procurou trazer a compreensão do que se entende por (in) disciplina na escola a partir da visão do aluno. A partir deste objetivo de estudo, este autor, investigou a motivação e as perspectivas dos alunos do ensino médio ao freqüentarem a escola, bem como buscou compreender o que, do seu ponto de vista, gera indisciplina.

De forma mais pretensiosa, segundo o próprio autor, pretendeu-se também demonstrar o tensionamento constante de relações de força constituídas num jogo de poder.

Metodologicamente, serviu-se de abordagens qualitativa, mediante coleta escrita de dados, categorização e posterior descrição e interpretação. A interpretação resultou permeada pela fundamentação teórica.

Sinteticamente, os motivos que levam os alunos de ensino médio a freqüentar a escola caracterizam-se pela perspectiva de um futuro melhor, pelo cumprimento de uma obrigação e

pela satisfação em aprender. Parte dos alunos gostaria de uma escola melhor organizada, com maior rigidez. Outros pretendem, como ideal, uma escola mais liberal.

Segundo Nunes (2000), do ponto de vista dos alunos, a indisciplina na escola é gerada por dois grupos de elementos: um, vinculado diretamente ao aluno, e outro, vinculado à escola. As razões vinculadas ao aluno referem-se à sua falta de limites, à índole subjetiva individual de cada um, à influência da família e do mundo. As razões vinculadas à escola são de âmbito pedagógico (excesso de tolerância dos professores e aulas desinteressantes) e administrativo (receio de perder alunos e turno muito longo de aulas).

No conjunto, a investigação permitiu vislumbrar a constante tensão existente denotando a (in)disciplina como uma relação de forças num jogo de poder (NUNES, 2000).

Camacho (2000), em seu estudo, dirigiu o olhar sobre a vida escolar de adolescentes de classes médias e de segmentos das elites, mas incidindo, principalmente, sobre as práticas de indisciplina e de violência contra seus pares, em duas escolas da cidade de Vitória/ES, sendo uma pública e outra privada.

As questões examinadas no trabalho do referido autor, dizem respeito à presença das práticas da indisciplina e da violência nas relações com os pares e com os adultos, à tenuidade das fronteiras entre a indisciplina e a violência, a quem pratica a violência, a quem ela é dirigida, aos nascedouros dessas práticas violentas, a como elas se constroem e, finalmente, a suas formas de expressão.

Com o intuito de situar os atores envolvidos nas condições de agressores, de agredidos ou de agressores/agredidos, o trabalho de Camacho (2000) colocou como uma de suas metas a investigação do aluno adolescente, da sua escola, da sua família e de suas relações com os colegas e com os adultos em sua vida escolar.

Nas duas escolas investigadas, as ações socializadoras incidem muito mais sobre o aspecto pedagógico, o que deixa em segundo plano a proposta educativa, pois, onde se verifica esta ausência, a escola não funciona como retradutora dos valores sociais e termina por permitir que idéias de discriminação e preconceito, por exemplo, invadam e se estabeleçam no espaço escolar (CAMACHO, 2000).

A falta de alcance da ação socializadora no ambiente relacional promove o aparecimento de brechas que permitem aos alunos a construção de experiências escolares, dentre elas, a experiência da violência. As duas escolas apresentaram semelhanças e diferenças; entretanto, com todos os encontros e desencontros, observou-se que o ponto decisivo de convergência entre elas é a presença, em ambas, das práticas da indisciplina e da violência, ainda que em intensidade e com especificidade e facetas distintas (CAMACHO, 2000).

Num outro trabalho, que derivou do pesquisa qualitativa de Rebelo (2000), sobre a indisciplina escolar presente na Escola Municipal de Ensino Fundamental "José Honório Rodrigues", situada na periferia da zona leste da cidade de São Paulo/SP, onde segundo a mesma autora, com justificativas relevantes, por se tratar de uma problemática que está em evidência na agendas educacionais e por ter o seu "locus" na Escola Pública, esta pesquisa, intitulada: A Indisciplina Escolar: Multiplicidade de Causas e sujeitos, desenvolveu-se entre novembro de 1995 a maio de 2000, período em que a autora atuou como Coordenadora Pedagógica na unidade de ensino pesquisada.

A pesquisa contou com análise de registros da escola, documentos oficiais, questionários destinados aos professores, pais e alunos e leituras pertinentes à temática. As análises feitas nessa mesma pesquisa são baseadas principalmente nos conceitos de Paulo Freire, porém, para analisar a disciplina imposta, a autora utiliza-se também das idéias de Foucault. Com a tese de que a "concepção bancária" é a principal causa da indisciplina escolar, pois inclui um currículo

fechado, uma prática docente autoritária, conteúdos desconectados da realidade dos alunos, ocasionando portanto uma educação domesticadora, propõe-se, nessa pesquisa, a "concepção problematizadora" como prática de superação da indisciplina escolar e, conseqüentemente, da busca da qualidade do processo educativo e da libertação do homem (REBELO, 2000).

A (in)disciplina escolar também foi o objeto de estudo de Belini (1999); tal estudo foi realizado à luz do referencial teórico das representações sociais, por supor que tais representações se constroem com base em informações de diferentes níveis, as quais são decodificadas a partir dos referenciais dos sujeitos representantes, realizou-se um percurso histórico das relações (de poder) que permeiam as formas organizadas da vida em sociedade, desde épocas remotas.

Tal percurso, objetivou captar raízes dos sistemas discursivos amplos - um dos níveis de informação acima referido. Foi realizada uma caracterização do campo em que se deu a pesquisa, por supor-se que, este se constitui num filtro interpretativo a partir do qual os objetos são resignificados.

Completando a triangulação de estratégias, fez-se uma leitura do fazer pedagógico do educador brasileiro contemporâneo, frente à política educacional vigente. Os demais níveis de informação foram captados nos discursos livres (experiências dos sujeitos com o objeto de estudo e valores que o objeto assume para seus grupos de pertença e referência). Foram desenvolvidas análises do conteúdo das falas dos sujeitos, bem como análises dos discursos (através de figuras de retórica).

A triangulação de métodos de análise se completou com as reflexões durante a observação e as anotações no Diário de Campo. À vista dos dados coletados, captam-se dois discursos sobre a (in) disciplina: um que a relaciona ao aluno e às questões individuais; outro que a associa à escola e aos seus (não) dizeres e (não) fazeres. Assim, os comportamentos (ação x apatia)

aparecem com valores antagônicos, se associados à disciplina ou à indisciplina, como se expressou no esquema - síntese do processo analítico (BELINI, 1999).

O estudo de Lopes (1999) enfocou a indisciplina de crianças na escola pública. Como sustentação teórica, foram utilizados conceitos da psicanálise, partindo da lógica de que conhecer o contexto e suas influências podem ajudar na resolução de problemas desta ordem.

A pesquisa foi realizada por meio de análise de documentos escolares que trazem o registro de ocorrências indisciplinares realizadas por crianças de 07 a 12 anos de idade e de entrevistas com seis educadores. Foi utilizado como instrumento de coleta de dados, estes mesmos documentos escolares, o livro de ocorrências da escola, que foram analisados qualitativamente. As entrevistas foram transcritas e analisadas.

Mediante os resultados, constatou-se que as indisciplinas de crianças nas escolas são de quatro tipos: agressões a professores, agressões a colegas, agressões contra materiais/patrimônio da escola e outras que se referem a comportamentos da criança com relação a ela própria.

Segundo Lopes (1999) existe o aumento da violência. Atos de agressividade e desrespeito ao professor são os que predominam. Nas entrevistas, constatou-se que os professores vêem na indisciplina algo que prejudica sua função. Eles responsabilizam a escola, com suas normas advindas da sociedade, e a família. Relatam sobre soluções, mas não se ocupam delas, pois sentem-se impotentes nesta área.

Lopes (1999) conclui que a indisciplina das crianças é resultado da ausência de autoridade que lhes é imposta, quer seja na família, quer seja na escola. Na escola, o professor não é representante de autoridade simbólica para a criança, pois a mesma, também não a tem na realidade, como resultado da cultura narcísica da sociedade individualista em que vivemos.

No trabalho de Roure (2000), que objetivou discutir as concepções de indisciplina que subsidiam a prática e o debate pedagógicos no Brasil, e considerou-se que a questão da

indisciplina, além de representar um desafio à organização da prática e do cotidiano escolares, implica um embate conceitual polêmico e dicotômico.

Entendendo que a psicologia representa um papel hegemônico na orientação da prática educativa, o trabalho discute as concepções de disciplina presentes nas teorias psicogenética, sócio-histórica e psicanalítica, principalmente no que se refere às questões da autoridade e da autonomia. Num segundo momento, são apresentadas produções brasileiras ligadas ao tema, sob cinco tendências teóricas distintas: psicogenética, socialista, psicologia sócio-histórica, psicanálise e pós-estruturalismo. Esse estudo polariza as pedagogias autoritárias e anti-autoritárias e possibilita a discussão sobre o papel da psicologia (ROURE, 2000).

Num terceiro momento, Roure (2000) analisou as propostas de Tiba e Zagury para a disciplina, que enfatizam a imposição de limites e a autoridade do educador como meio de instituir a disciplina. Essa discussão permitiu a análise crítica do psicologismo aplicado aos problemas escolares, que restringe as causas, explicações e soluções da indisciplina à instância do sujeito. O autor conclui que, para a investigação efetiva da questão da indisciplina, é necessário superar o psicologismo e constituir uma leitura mais detalhada dessas realidades.

Laterman (1999), estudando a violência no meio escolar, assevera que a mesma, é um fenômeno contemporâneo próprio das novas configurações sociais.

O significado da violência vai além dos fatos em si, tratando-se muito mais de identificar a interpretação dos fatos neste sentido, e este trabalho investiga o que é e como se manifesta a violência escolar para professores e alunos de 5ª a 8ª série em dois estabelecimentos de ensino da Rede Pública Estadual na cidade de Florianópolis/SC.

Esta pesquisa, de tipo etnográfica, foi realizada durante o segundo semestre de 1997, onde foram coletados dados e foram feitas observações cotidianas, entrevistas e questionários com professores, alunos, especialistas em educação e diretores de escola.

Laterman (1999) assevera que o termo violência não é um conceito absoluto e que ao longo da história da humanidade, adquiriu diferentes conotações relativas, sobretudo, aos padrões morais de valores sociais vigentes de cada época.

Nas escolas estudadas, as incivildades dão o tom do cotidiano e expressam não só os paradigmas do modelo sócio-político vigente, como também as configurações próprias de cada estabelecimento em meio ao sentido de caos do cotidiano escolar, buscando esclarecer a dinâmica das ocorrências a partir de três óticas: indisciplinas, incivildades e violência.

Nos estudos de Pereira (2000), que teve como objeto central de estudo a disciplina e o castigo na escola que constituíam a questão central que orienta os estudos e a investigação da ação pedagógica de duas professoras do Ensino Fundamental.

Tendo como foco de reflexão a formação dos pilares da disciplina sob a forma de "habitus" no âmbito familiar e a consolidação desses "habitus" disciplinares na formação escolar, buscou-se, através do estudo das trajetórias de vida das duas professoras, analisar a influência, na prática pedagógica, dos "habitus" disciplinares consolidados durante suas trajetórias.

O estudo foi realizado à luz dos aportes teóricos de Durkheim, Foucault e Bourdieu. O diálogo dos dados com a teoria de Durkheim e Foucault, que abordam, respectivamente, a disciplina a partir da noção de moral e da noção de normalização, permitiu o desvendamento dos conceitos e das representações que orientam o processo de disciplinamento das duas professoras.

Os estudos sobre "habitus" na teoria de Bourdieu sustentaram a análise da influência, na prática pedagógica, dos "habitus" disciplinares consolidados em suas trajetórias de vida. A sobrevivência dos castigos escolares, constatada ao longo da pesquisa, aponta para a necessidade da reflexão sobre ações autoritárias e coercitivas ainda em vigor em algumas escolas, no sentido da construção de uma prática pedagógica que tenha como fundamento da disciplina não ameaças

e castigos, mas a compreensão do sentido e da necessidade das regras para a construção de uma sociedade mais justa e solidária.

Na pesquisa de Souza (1997), inserida na Linha de Pesquisa Educação Especial, tratou dos procedimentos que os professores do ensino fundamental da escola pública utilizam para controlar os problemas disciplinares em sala de aula.

A revisão da literatura do referido autor, buscou o significado formal dos termos "disciplina" e "indisciplina" para melhor situar a questão estudada nesta revisão.

As abordagens utilizadas referentes aos problemas de comportamento e ou disciplinares foram a abordagem comportamental e cognitiva, a abordagem comportamental e a abordagem pedagógica e social.

Fez-se uma comparação entre as várias abordagens teóricas, constatando-se que todas elas são importantes em relação aos problemas comportamentais. Porém, considerou-se a abordagem comportamental e cognitiva relevante, devido a sua característica de induzir o sujeito a pensar antes de agir.

Como pesquisa qualitativa, a metodologia utilizada foi a de estudo de caso, tendo como técnicas a observação, a entrevista semi-estruturada, a consulta a documentos e questionários.

Concluiu-se que as professoras do estudo só usaram procedimentos apresentados pela abordagem pedagógica e social e que os professores não têm muito êxito, pois atuam predominantemente em situações de emergência.

Face ao exposto, Souza (1997) conclui que em razão da falta de informação dos professores e pela necessidade de se enriquecer a formação dos mesmos com o objetivo de melhor orientá-los a prevenir possíveis problemas e a controlar os problemas disciplinares na sala de aula, não só bastam como soluções de emergência, como também são necessários procedimentos duradouros. Em outras palavras, não basta que o professor controle a turma em

um determinado momento, mas também, que realize um trabalho que permita ao aluno resolver suas inquietações sem tumulto.

Desta forma, o benefício será para a ambas as partes (professor e aluno), pois, por um lado o professor realiza o seu papel de ensinar e educar, e, por outro, o aluno aprende os conteúdos programáticos de forma a resolver problemas do cotidiano dentro e fora da sala de aula. Com isso, a escola estaria cumprindo a sua função maior: formar cidadãos plenos, críticos e participativos (SOUZA, 1997).

A escolha do tema da pesquisa de Feffermann (1997) surgiu a partir da experiência da autora como psicóloga em uma Unidade Básica de Saúde Municipalizada.

A demanda de crianças e adolescentes atendida no setor de saúde mental da Unidade Básica de Saúde dividia-se em dois grupos: os que são encaminhados pela escola, com queixas de indisciplina e/ou de dificuldades de aprendizagem; os usuários de crack, encaminhados em função dos problemas oriundos do uso da droga.

O interesse por esse estudo deu-se à medida que se percebeu um estreito vínculo entre estes dois grupos. Delimitar a reciprocidade desta relação passou a ser o objeto de pesquisa. A hipótese era a de que as causas, tanto dos problemas escolares quanto dos problemas decorrentes do uso da droga, poderiam ser encontradas analisando-se o cotidiano destes jovens, a estruturação familiar, escolar e social onde estão inseridos.

Daí a preocupação de Feffermann (1997) em caracterizar, da melhor maneira possível, estas diferentes esferas. Além disso, percebeu-se que havia, entre os adolescentes, um grupo que convivia muito de perto com as drogas, mas ainda não as consumia; com a prostituição, mas ainda não fazia uso do corpo por dinheiro; com o roubo, embora só roubasse produtos em supermercados; com a violência, mas cuja agressividade restringia-se a brigas entre turmas

inimigas. Foi o grupo com tais características que se tornou o objetivo de pesquisa da referida autora.

O objetivo, nesse trabalho, foi analisar o momento limítrofe entre a lei e o fora da lei. Um instante fugidio, onde uma palavra, um mínimo acontecimento, um desejo não satisfeito, uma vontade reprimida, pode definir o caminho da inclusão ou exclusão destes jovens na sociedade. A análise do contexto social teve como parâmetro o olhar da teoria crítica, instrumental capaz de desvendar a urdidura da sociedade industrial contemporânea, trazendo à luz a barbárie contida no aparente progresso.

A análise dos aspectos econômicos teve como parâmetro a teoria marxista, contraposição imprescindível para a compreensão de um modelo que, dizendo-se voltado aos menos favorecidos, só faz perpetuar os privilégios da classe dominante. Finalmente, a análise das entrevistas foi feita à luz da teoria psicanalítica, tendo como base, especialmente, o conceito de identificação.

A presente revisão da literatura mostrou que a indisciplina escolar possui relações estreitas com vários determinantes, como por exemplo, aos valores morais dos docentes e discentes internalizados desde a década de quarenta, onde se iniciaram os primeiros estudos relacionados à indisciplina e quando foram coletados também os primeiros dados a este respeito.

Estes mesmos valores, parecem ainda estar agregados ao atual cotidiano escolar, assim como, mostrou fazer parte da realidade docente, principalmente na escola pública contemporânea, porém as possibilidades de mudanças esbarram na prática docente, ou seja, é necessário que o professor pense a indisciplina escolar como fato, e como tal, uma prática pedagógica moderna deve constituir-se da construção de um ambiente formador e não conformador dentro da sala de aula, viabilizando o processo de transmissão do conhecimento, assim como, da formação do cidadão.

A relação da família, escola e aluno, emergiu também como um dos principais fatores determinantes do comportamento indisciplinado dos discentes dentro da escola, principalmente no que diz respeito às agressões físicas e verbais à professores, funcionários e também entre os pares, tão comuns dentro da realidade dos problemas indisciplinares atuais.

A família dentro deste contexto, mostrou que as dificuldades sociais e políticas que muitas enfrentam atualmente como o desemprego, as drogas lícitas e ilícitas, a desestruturação familiar, a agressão à mulher e à criança no meio familiar, são também importantes alavancas do fenômeno indisciplinada e que geram as incivildades por parte dos alunos, pois os mesmos, quando vivem neste tipo de ambiente, que de alguma forma apresenta alguns dos problemas acima citados, compõe o grupo de alunos que mais apresenta ocorrências relacionadas ao fator indisciplinada e violência, principalmente na fase infanto-juvenil, nos levando à uma reflexão sobre o modelo político e sócio-econômico em que o Brasil atravessa atualmente, não esquecendo também do modelo de política educacional, como por exemplo, a educação continuada .

Nesta mesma fase, infanto-juvenil, o jovens evidenciam grandes dificuldades de internalização de alguns valores morais, pois a indisciplinada é justamente a ausência destes valores, que acaba desaguando no conflito diário que observamos na sala de aula contemporânea, e onde o mesmo jovem se rebela quando confrontado com os valores da disciplina e da ordem, que são essenciais na formação do educando e fundamental para o seu desenvolvimento, mas que acaba tendo os mais diversos efeitos e não só o da disciplinarização.

Na ótica dos alunos, sobre os determinantes da indisciplinada, observa-se evidências de duas alavancas geradoras da mesma: na primeira, onde a indisciplinada é vinculada diretamente ao próprio aluno, e na segunda onde é vinculada ao ambiente escolar.

Quando vinculada diretamente aos alunos, os mesmos fazem referência a sua própria falta de limites, valor carregado desde o ambiente familiar, à índole de alguns e também à influência

social, já quando vinculada ao ambiente escolar, observa-se referências às dificuldades pedagógicas dos docentes, ou seja, problema que esbarra no tema - formação do professor, como por exemplo, a educação bancária que culmina em formatos de aulas desinteressantes, conteúdos com pouco ou nenhum vínculo às suas realidades, baixa motivação dos professores em enfrentar os problemas disciplinares, o medo da violência, também um fato do cotidiano das escolas brasileiras atualmente, acarretando num excesso de tolerância dos educadores frente à indisciplina, permitindo então, que o aspecto educativo fique em segundo plano e que esses valores sociais negativos perpetuem e se multipliquem dentro do ambiente escolar, ou até mesmo o oposto, como o excesso de poder por parte da própria escola, particularmente dos dirigentes, porém não excluindo a ação docente, evidenciando que as dificuldades das relações de poder também permeiam a problemática da indisciplina escolar.

Na ótica de alguns professores, a indisciplina é resultado da falta da autoridade, quer seja da sociedade e/ou da família, que se ausentam dessas responsabilidades e que dificulta o trabalho docente, relatando sobre soluções que passam pela maior ocupação destas duas instituições, família e sociedade, ao aluno.

A ausência do papel socializador da escola, permite que se crie algumas brechas na construção dos valores sociais corretos por parte dos alunos, dentro do ambiente escolar, onde outros valores e experiências como a violência, a discriminação, o Bullying² e a indisciplina se manifestam e ocupam esse vazio deixado pela negligência da escola.

(2) Bullying – termo em inglês, sem tradução literal na língua portuguesa, que significa o abuso físico ou psicológico contra alguém que não é capaz de se defender (SMITH e SHARP, 1994).

Especificamente no caso do Bullying, Smith e Sharp (1994), em seus respectivos estudos científicos na Inglaterra, asseveram que atos de indisciplina também possuem estreita ligação com a violência presente nos espaços escolares e possuem conotações emocionais e recebem outro termo para designá-las, como: agressividade, comportamento agressivo, perturbações, desengajamento, ou desinteresse pela aprendizagem e comportamentos anti-sociais que, em estudos na década de 80, focalizaram estes comportamentos ou violências cometidas e onde os alunos envolvidos formam denominados Bullying.

São 4 (quatro) os fatores que contribuem para o desenvolvimento de um comportamento de Bullying: 1 – atitude negativa pelos pais ou por quem cuida de criança ou adolescente; 2 – uma atitude tolerante ou permissiva quanto ao comportamento agressivo da criança ou do adolescente; 3 – um estilo de paternidade que utiliza o poder e a violência para exercer controle sobre a criança e o adolescente; 4 – uma tendência natural da criança ou do adolescente a ser arrogante (SMITH e SHARP, 1994).

Segundo os mesmos autores, a maioria dos Bullyies ³ são meninos, porém as meninas também o podem ser, onde as mesmas, quando são, utilizam de métodos indiretos, como a fofoca, a manipulação de amigos, mentiras e a exclusão de outros de um grupo social qualquer.

O Bullying tem sido um problema inerente às escolas, pois estes comportamentos, podem acometer interferências gravíssimas e de forma irreversíveis às pessoas sob sua influência (SMITH e SHARP, 1994).

(3) Bullyies – termo em inglês, também sem tradução literal na língua portuguesa, que define o agente causador da ação do Bullying (SMITH e SHARP, 1994).

No capítulo II, a seguir, referenciado principalmente pelo autor Júlio Groupa Aquino, serão abordados outros conceitos e fatores determinantes da indisciplina escolar, assim como, essa estreita relação que existe hoje no ensino brasileiro entre indisciplina e educação e suas propostas para a amenização destes comportamentos.

CAPÍTULO II. – A INDISCIPLINA ESCOLAR

“A sala (turma) fazer paredão, é um ato de indisciplina coletivo já institucionalizado, do Ensino Fundamental a Pós-graduação. Acho que indisciplina vai muito por aí, muito mais a consequência do que o ato propriamente dito”.

(MIRANDA, 2004, p.254).

Segundo Yunes (apud Aquino, 1996), a indisciplina escolar seria a *transgressão às regras pré-estabelecidas pela escola, por parte do aluno* (p. 54).

Analogamente, alguns professores ouvidos por Aquino (1996), caracterizaram a indisciplina escolar com sendo: *bagunça, tumulto, falta de limite, maus comportamentos, desrespeito às figuras de autoridade dentro da escola, etc.* (p.39).

Aquino (1996), constatou em seus estudos que a indisciplina está presente tanto na escola pública como na escola privada nas mesmas proporções, e é colocada no mesmo grau de importância dentro do processo de ensino-aprendizagem. A diferença entre a escola pública e a escola privada, segundo o autor, estaria no fato de que a violência escolar se faz mais presente dentro do ensino público, podendo ser explicada pelas diferenças sociais e os valores que as crianças vivenciam desde seu nascimento, além de outros fatores de menor expressão.

As correções disciplinares de antigamente se faziam desde o controle da fala até a ordenação do corpo, pois o silêncio exigido em sala de aula era absoluto e o indivíduo, mesmo em outros contextos escolares, era bastante contido, como pode ser observado pelas normas disciplinares extraídas de um texto de 1992:

“Punição (suspensão) para os indisciplinados apenas fazem cócegas. Se os mesmos tiverem que ficar em casa três dias, para o aluno é festa!”.

(MIRANDA, 2004 p. 116).

Não há crenças refractárias à disciplina, mas somente alunos ainda não disciplinados.

A disciplina é fator essencial do aproveitamento dos alunos e indispensável ao homem civilizado. Mantém a disciplina, mais a rigor, a força moral do mestre e o seu cuidado em trazer constantemente as crianças interessadas em algum assunto útil.

Normas:

Os alunos deverão apresentar-se à escola 10 minutos antes do horário de entrada.

Conservar a ordem nos corredores de entrada.

Entoar o cântico de entrada no pátio.

Formados dois-a-dois, dirigindo-se as suas respectivas salas de aula.

Entrarão em sala de aula em silêncio e com calma.

Sem deslocar e/ou fazer barulho com as carteiras.

Deverão sempre andar sem arrastar os pés, no máximo em grupos de três alunos, sem balançar os braços e conversando em voz baixa.

Em sala de aula os alunos deverão manter-se em silêncio absoluto.

Não poderá estar de pé mais de um aluno de cada vez.

Não deverá ser atirado ao chão qualquer tipo de material como papel e etc.

Ao retirar-se da sala de aula, aluno tem a obrigação de deixá-la em perfeito estado.

No recreio a disciplina é ainda indispensável, para que o mesmo se torne agradável para os alunos disciplinados.

Serão retirados do recreio os alunos que acometerem a algazarras e bagunças.

Os alunos indisciplinados deverão ser retirados do recreio e sofrerão as penas necessárias para que os mesmos aprendam a não mais perturbarem os demais com gritos e algazarras.

No recreio, os alunos deverão entregar-se, a palestras ou diversões que não produzam grande alarido.

Ao final do recreio os alunos deverão entrar novamente em filas duplas com as mãos lavadas e corpo limpo, já tendo tomado água, pois fica proibido a saída para da sala de aula por qualquer motivo após o horário do recreio e a entrada em sala de aula deverá ser feita com cinco minutos de antecedência.

Os alunos que sujarem o pátio, deveram ser responsabilizados pela limpeza do local.

Não deverão tomar água em qualquer horário, com as mão, pois deverão trazer copos de suas residências ou a escola fornecerá os mesmos para os esquecidos.

Deverão tomar cuidado para não molhar o chão e as pias e deverão todos usar toalhas.

Ao final do dia, cada classe deverá dirigir-se em silêncio e em forma à saída.

(MORAES, apud AQUINO, 1996, p. 42).

Essas normas da educação antiga talvez ainda sejam modelos muito almejados, mas os professores muitas vezes conseguiam a disciplina através de castigos, ameaças, medo, subserviência e coação, e não pela conscientização dos alunos sobre a necessidade da disciplina e do respeito mútuo para o bom desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem.

Também é possível deduzir que a estrutura e o funcionamento do ensino brasileiro daquela época espelhavam-se na estrutura militar, em que o professor era um superior hierárquico dentro da escola e o aluno tinha, unicamente, a obrigação de aceitar todas as regras de conduta,

pois uma espécie de militarização difusa parecia definir as relações institucionais como um todo no país (MENEZES, 1998).

Presume-se, portanto, que a função principal do docente naquela época era a de modelar o comportamento de seus alunos, além da observância dos preceitos legais mais amplos, aos quais os deveres escolares estavam submetidos.

Posteriormente, de acordo com Aquino (1996), com a democratização da política nacional e a desmilitarização da educação e das relações sociais, observou-se o aparecimento de uma nova geração de educadores em nosso país, a qual tinha diante de si um novo tipo de aluno, um novo sujeito histórico.

Retornando a questão de Yunes, que relaciona indisciplina com transgressão de normas, questiona-se sobre o que leva algumas pessoas a obedecerem e outras a desobedecerem algumas normas.

De acordo com La Taylle, Dias e Patarra (1995), essa questão já era objeto de preocupação dos autores no final do século XIX e no início do século XX. Segundo os autores, havia diferentes respostas a essa questão, como o superego ⁴, heteronomia ⁵, hábito, sentimento do sagrado, etc. Apesar da divergência das respostas, devia-se levar em consideração o seguinte fato: existia, num passado recente, uma obediência das crianças aos pais e a seus professores; hoje, a questão que se formula espontaneamente é: por que as crianças não obedecem mais aos seus pais e nem a seus professores?

(4) Superego – originado a partir do complexo de Édipo, após a internalização das proibições, dos limites e das autoridades (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1995).

(5) Heteronomia – desvio das leis normais (LA TAYLLE; KOHL; DANTAS, 1992).

La Taylle e outros (apud Aquino, 1996) afirmam que atualmente o cinismo explica melhor os desarranjos causados pela indisciplina escolar, *pois antontem, o professor falava a alunos dispostos a acatar; ontem, a certos alunos agora pré-dispostos a discordar* (p. 49).

Ainda segundo esses autores, a relação entre indisciplina e desobediência toca na questão da imposição de limites. Na Educação Infantil é preciso impor limites, ou seja, não se pode viver em sociedade como se quer, há regras que definem os modos e os comportamentos sociais. As normas sociais determinam o que se pode ou o que não se pode fazer. Desse ponto de vista, entende-se que há um limite que a criança não pode ultrapassar e, se o fizer, transgredirá as regras sociais.

Essa noção de limite atualmente não estaria mais implícita nas orientações às crianças, daí surgirem novas questões em relação ao ato de indisciplina. Assim, de quem seria a principal culpa neste aspecto? Dos pais, que não imporiam limites às crianças; da escola, cuja proposta pedagógica não seria seguida; da sociedade, que já não mais exigiria certos limites; da mídia, principalmente televisiva, que internaliza a violência na criança e pode acabar levando aos atos de indisciplina; ou novamente da família, que já não mais teria valores adequados às crianças?

Mais importante do que determinar de quem é a culpa pela indisciplina - ou pela falta de limites das crianças - talvez seja buscar parceria – entre a escola e a família, por exemplo - para o estabelecimento de ações que potencializem a construção do limite e de valores adequados à formação do indivíduo (STOER, 1995).

Autores como Aquino (1996), relataram que a problemática da indisciplina deveria ter sido mais pesquisada há algumas décadas, asseverando que se isto tivesse ocorrido, talvez a indisciplina escolar não teria a importância que tem no processo de ensino-aprendizagem contemporâneo. Eles advertem para o fato de que, ao abordar o referido tema, alguns cuidados

devem ser tomados para que certos pontos não dificultem e/ou impeçam a elaboração de conclusões minimizadoras do problema da indisciplina escolar, tal como cair no moralismo ingênuo em que, sob a aparência de descrever, por exemplo, uma questão relativa aos valores familiares, na verdade a normatiza.

Segundo La Taylle (apud Aquino, 1996), alguns autores evidenciam a existência de um vínculo entre a indisciplina em sala de aula e a moral, pois ambas revelam o problema da relação entre o indivíduo e um conjunto de normas através de vários atos indisciplinados, os quais são gerados pelo desrespeito por colegas, professores ou mesmo pela própria instituição/escola. Não se pode pensar que toda indisciplina seja condenável moralmente, nem que o aluno seguidor das normas escolares de comportamento seja necessariamente um amante das virtudes: ele pode estar sendo levado pelo medo do castigo e da repressão.

É preciso entender, como afirma La Taylle (apud Aquino, 1996), *que toda moral pede disciplina, mas toda disciplina não é moral!* (p. 55).

Então, certos atos de indisciplina podem ser genuinamente "morais", como quando um aluno é humilhado, injustiçado e revolta-se contra as autoridades que o vitimizaram. É preciso tomar cuidado ao se condenar a indisciplina sem ter conhecimento da sua causa e da razão das normas impostas e dos comportamentos que se esperam dos alunos dentro da sala de aula.

La Taylle (apud Aquino, 1996), afirma que os professores não se devem abater diante da indisciplina em sala de aula, pois ela não deve ser considerada essencialmente fruto das falhas pedagógicas dos docentes, devendo-se considerar o lugar que a escola ocupa dentro da sociedade contemporânea e os valores desta sociedade, além daqueles que a criança e o jovem dão à moral.

Para alguns professores, talvez seja grande a tentação de submeter o aluno à humilhação, fazê-lo passar vergonha. La Taylle (apud Aquino, 1996), diz a esse respeito:

A eles, deixo uma criança de 12 anos responder: se fosse eu, pensava assim: estou danado mesmo, posso fazer o que quero (p. 95).

É preciso compreender os efeitos que a humilhação provoca: ao invés de prevenir os delitos e a indisciplina, promove-os (VITALE, 1994). Os educadores devem justamente trabalhar no sentido contrário ao da humilhação, reforçando o sentimento de dignidade e de moral do aluno.

Resta à escola, portanto, uma única saída: fazer lembrar a seus alunos e à sociedade como um todo que sua finalidade principal é a preparação para o exercício da cidadania. E para ser cidadão, são necessários sólidos conhecimentos, memória, respeito pelo espaço público, um conjunto mínimo de normas de relações interpessoais e diálogo franco e ético, pois não há democracia se houver completo desprezo pela opinião pública (LA TAYLLE apud AQUINO, 1996).

A indisciplina escolar e a questão da relação professor-aluno permitem algumas indagações comuns aos educadores e aos teóricos da educação: o que realmente estaria acontecendo com a educação no Brasil que possa justificar o fenômeno do fracasso escolar, principalmente no final de século XX e início do século XXI? (STOER, 1995).

Segundo Aquino (1996), o papel da escola contemporânea está dividido em uma tríade, a qual procura, por um lado, veicular os conteúdos classicamente preconizados, e por outro quer apenas conformar moralmente os sujeitos a determinadas regras de conduta.

Os educadores mais afeccionados lutam para que a escola atenda à dimensão imediata do ensino, ou seja, querem que a escola se coloque a serviço da internalização, por parte da criança e do adolescente, dos conhecimentos acumulados e desenvolvidos pela humanidade através dos tempos, o que significa dizer o conhecimento propriamente dito.

Outra corrente de educadores defende uma dimensão mais socializadora da escola, preparando o jovem para o exercício da cidadania e seu convívio com a sociedade (AQUINO, 1996).

Uma terceira corrente luta, ainda, pela caracterização profissionalizante do aluno dentro da escola e da educação como um todo, pois esta assegura a tarefa da qualificação profissional do indivíduo (AQUINO, 1996).

Numa abordagem psicológica, a indisciplina escolar é justificada pela carência psíquica e infra-estrutural do aluno indisciplinado. Partindo desse ponto de vista, o reconhecimento da autoridade externa - no caso, o professor - pressupõe a existência de uma infra-estrutura psicológica e moral anterior à escolarização, referente à internalização de valores e parâmetros morais, tais como: permeabilidade às regras, partilhas de responsabilidades, cooperação, reciprocidade, solidariedade, etc.

A maioria dos educadores contemporâneos se queixa de que há uma carência muito grande desses parâmetros morais nos alunos, cuja agressividade/rebeldia - ou apatia/indiferença, desrespeito/falta de limites - podem ser interpretadas como supostos índices de insalubridade moral, os quais são empecilhos no trabalho pedagógico do professor em sala de aula (AQUINO, 1996).

Sendo assim, a estrutura escolar não pode ser pensada sem que seja levada em conta toda a estrutura familiar dos alunos, pois são estas duas instituições - família e escola - as responsáveis pela chamada "educação em sentido amplo". Assim, todo o processo educacional depende dessa articulação, cujas instituições, na verdade, complementam-se (AQUINO, 1996).

No estudo da relação entre professores e alunos em diferentes escolas públicas e privadas de primeiro, segundo e terceiro graus, pôde-se verificar que a educação escolar contemporânea parece ter sucumbido a uma demanda de normatizações alheias de conduta. Isso

significa que raramente a escola é representada como espaço de reprodução científica e cultural nas expectativas de seus membros e, principalmente, de sua clientela. Ao contrário, a normatização parece ser o grande sentido do trabalho educacional.

Essa situação, de acordo com Aquino (1996), deixa os educadores perplexos, pois o trabalho da escola e seus objetivos cruciais que são a recriação e reposição do legado cultural, parece ter sido substituído por uma atribuição quase que exclusivamente disciplinarizadora. Conseqüentemente, as práticas pedagógicas acabam sendo englobadas por uma perspectiva nitidamente moralizadora que se contrapõe ao plano das representações e, com isso, perde-se mais tempo com questões psíquicas e morais dos alunos do que com a tarefa fundamental da escola.

Aquino (1996), toma a relação professor-aluno como foco conceitual em relação à problemática da indisciplina escolar, pois entende que não é possível conhecer a instituição escolar como algo além ou aquém da relação concreta de seus protagonistas. A relação é a matéria-prima a partir da qual se pode produzir o objeto institucional, que é aquilo do que a instituição se apropria, reclamando a soberania e a legitimidade de sua posse, ou seja, trata-se de algo imaterial e inesgotável, que só pode configurar-se enquanto fruto de uma instituição específica: o conhecimento na escola, a salvação nas religiões e o direito no judiciário.

Na relação entre poder e indisciplina é possível estabelecer várias relações e perceber a dicotomia que ela comporta: se existe relação entre poder e indisciplina, o poder gera indisciplina?

O conceito de poder, segundo Foucault (apud Aquino, 1996), significa, antes de tudo, um "verbo", "ação", "relação de forças", ou seja, poder não é simplesmente algo que alguém tem ou não tem, o poder é um elemento constituinte de qualquer relação social.

A relação do poder com a indisciplina pode parecer um equívoco, pois, de fato, como falar em indisciplina se o poder é disciplinador? Mas o que fica demonstrado é que isto é decorrência da disciplinarização, pois as coisas não se dão de fora para dentro, com um ato de poder reprimido ou uma conduta indisciplinada; a indisciplina faz parte da própria estratégia do poder e é gerada pela mesma mecânica que visa ao seu controle.

Quando o professor aplica uma prova para avaliar os conhecimentos acumulados pelos alunos, pela disposição geral dos corpos em sala de aula, há sempre o destaque do docente no espaço físico a ele destinado, pois todos o vêem e podem acompanhar seu deslocamento na sala de aula e ele, mais que qualquer outra pessoa dentro do mesmo espaço, tem uma visão global do campo, de seus ocupantes e dos pequenos movimentos que porventura venham a fazer. Bastará o próprio exercício da observação do exame e já disciplinará os alunos (LUCHESE, 1996).

Para o mesmo autor, a “cola” é um exemplo que só faz sentido num cenário de avaliação e demonstra que o aluno, de sua posição, é capaz de olhar a posição do deslocamento do professor dentro da sala de aula e produzir o ato indisciplinar exatamente na falha do olhar do professor; assim o aluno burla a avaliação, anula-a naquilo a que a mesma se propõe - avaliar o nível de conhecimento do aluno -, e dá como parecer o conhecimento que está contido na “cola” (LUCHESE, 1996).

No caso da FEBEM (Fundação Estadual do Bem Estar do Menor), cuja instituição é chamada de paraeducativa, os internos infratores muitas vezes revelam, através das rebeliões coletivas ou individuais, como se relacionam com a ordem estabelecida dentro da instituição, uma vez que as rebeliões são reações de quem é obrigado a sobreviver entre "muros". Essa mesma instituição, apresenta a mais fantástica combinação entre normatização e caos, não só por parte dos internos, mas também por parte da própria instituição, como o uso da arquitetura do

panóptico, do sistema contínuo de condutas certas ou erradas, das punições e do sistema de avaliação (GUIRADO, apud AQUINO 1996).

Com relação à normatização escolar, de acordo com Guimarães (apud Aquino 1996), a escola contemporânea está planejada para que as pessoas sejam todas iguais, pois alguns afirmam que "quanto mais igual, mais fácil de dirigir". Esta homogeneização é exercida através de mecanismos disciplinares e de atividades que enquadram o tempo, o espaço, o movimento, os gestos, as atitudes de submissão e de docilidade.

A disciplina imposta - quando não considera o modo como são partilhados os espaços, o tempo, as relações afetivas entre os alunos - pode gerar uma reação que explode na indisciplina incontrolável ou na violência banal, pois *ensinar é mais do que transmitir conteúdos, ou seja, é poder gerir relações com o saber, a aprendizagem numa tensão, uma violência para aprender* (GUIMARÃES, apud AQUINO, 1996, p. 152).

De Lajonquiere (apud Aquino, 1996) entende que todo ato indisciplinar dentro da escola deve ser considerado um epifenômeno de uma realidade psicológica individual, e que acaba por motivar as seguintes questões: deve-se encaminhar o aluno para uma avaliação clínica com vista à descoberta das causas desses acontecimentos? Deve-se aplicar uma "sanção", ou simplesmente "chamar a atenção do aluno", visando a contribuir para a correção do desenvolvimento das capacidades psicológicas?

Existe no cotidiano escolar um leque amplo de respostas entrelaçadas, que deixa de lado a discussão sobre o grau de pertinência de hipotéticas resoluções de episódios singulares. O que se deve analisar é a lógica que anima as interrogações, bem como a consequência embutida nessa forma hegemônica de se colocar o problema da indisciplina.

Para o autor, os educadores não devem assumir esta culpa da responsabilidade pela indisciplina que lhes é imposta, pois são suficientes as inúmeras responsabilidades que assumem

sozinhos no papel de educar a sociedade, sem a mínima contribuição das partes que a compõem, inclusive com a pouquíssima colaboração das próprias famílias do corpo discente.

Complementarmente, Aquino (1996), afirma que a educação, no sentido amplo da palavra, não é só papel da escola. Entretanto esta atribuição e outras que ultrapassam o âmbito pedagógico vêm, com o passar do tempo, sendo sistematicamente atribuídas à escola.

CAPÍTULO III. – DELINEAMENTO DO ESTUDO

“Visto que o entendimento situa o homem acima dos outros seres, dá-lhe toda vantagem e todo domínio que tem sobre eles, seu estudo consiste certamente num tópico que, por sua nobreza, é merecedor de nosso trabalho de investigá-lo. O entendimento, como o olho, que nos faz ver e perceber todas as outras coisas, não se observa a si mesmo; requer arte e esforço situa-lo à distância e fazer a distância e faze-lo a distancia e faze-lo seu próprio objeto”.

(LOCKE apud MIRANDA, 2004, p.366).

Diante das reflexões suscitadas pelo referencial teórico e da revisão de literatura, destacou-se o seguinte problema de pesquisa:

Quais são as características dos alunos tidos como indisciplinados pelos agentes escolares?

Para tentar responder a este problema, o presente estudo tem os seguintes objetivos: 1) refletir sobre os fatores determinantes da indisciplina escolar e 2) caracterizar o aluno considerado indisciplinado, visando a apresentar alternativas na disciplina de Educação Física, as quais contribuam para a minimização desses comportamentos inadequados.

Método:

Esta pesquisa é um estudo exploratório que, de acordo com Gil (1996), tem o objetivo principal de aprimorar idéias ou intuições. Ou ainda, como afirmam Seltiz, Jahoda, Deutsch e Cook (1974), tem a função de aumentar o conhecimento do pesquisador acerca do fenômeno que deseja investigar.

Segundo Gil (1996), o estudo de caso é o delineamento altamente recomendado para a realização de estudos exploratórios, e suas principais vantagens são: o estímulo às novas

descobertas, a ênfase na totalidade de um problema e a simplicidade nos procedimentos de coleta e análise de dados (p. 59).

André (1986), afirma que, fundamentalmente, o estudo de caso:

- a) Visa à descoberta: o quadro teórico serve de estrutura básica, mas novos elementos poderão ser acrescentados à medida que o estudo avance.
- b) Enfatiza a interpretação em contexto: a fim de apreender de maneira mais completa o objeto de estudo, é preciso levar em conta o contexto em que ele se situa.
- c) Busca retratar a realidade de forma completa e profunda.
- d) Usa uma variedade de fontes de informação: o pesquisador recorre a uma variedade de dados, coletados em diversos momentos e com vários informantes.

Procedimentos de Pesquisa:

Utilizou-se a documentação indireta (pesquisa bibliográfica) e a documentação direta (observação e entrevista semi-estruturada realizada em conversas informais).

Pesquisa Bibliográfica – realizou-se uma revisão bibliográfica acerca do tema - indisciplina escolar (vide capítulo I), através de consultas em teses de doutorado, dissertações de mestrado, e material coletado por pesquisa eletrônica, de onde foram extraídos os conteúdos, posteriormente sintetizados, prevalecendo as opiniões dos autores e onde segundo Kidder (1987), é neste tipo de abordagem, desenvolvida com base em material já elaborado, que permite ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente, particularmente quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço e objetiva-se analisar diversas posições acerca do problema de pesquisa proposto.

O referencial teórico básico utilizado no capítulo II, denominado - A Indisciplina Escolar foi o autor Júlio Groupa Aquino.

A Observação – Um dos procedimentos utilizados nesta pesquisa foi o método da observação, o qual permite ao observador, nas pesquisas com abordagens qualitativas, recorrer aos conhecimentos e experiências pessoais como auxiliares no processo de compreensão e interpretação do fenômeno pesquisado (ANDRÉ e LÜDKE, 1995).

A observação direta permite também que o pesquisador se aproxime dos anseios e das perspectivas dos sujeitos pesquisados, o que é importante dentro da pesquisa qualitativa, assim como as técnicas de observação são extremamente importantes no processo de descoberta de novos aspectos de uma situação-problema, além de possibilitarem o contato mais próximo e prolongado do pesquisador com a situação-problema (ANDRÉ e LÜDKE, 1995).

A Entrevista – segundo Cervo (2002), é através desta, que o pesquisador busca dados dos quais não podem ser encontrados em registros e fontes documentais, mas que podem ser fornecidos por certas pessoas e onde os mesmos dados poderão ser utilizados, tanto para estudos de caso, de fatos, como de opiniões.

O objetivo da entrevista foi traçar um perfil psicossocial dos alunos mais indisciplinados, na tentativa de conhecer melhor suas origens e seus conceitos, assim como encontrar as principais causas da indisciplina escolar e compreender seus valores e a cultura em que estão inseridos.

As questões da entrevista (anexo I) eram abertas e tratavam de aspectos econômicos, sociais e familiares, abordando os seguintes itens: moradia e habitação; etnia; estrutura familiar; antecedentes criminais dos alunos tidos como indisciplinados e de seus familiares; nível de escolaridade dos familiares; índice de desemprego dos familiares; tipos de ocupação dos familiares; índice de reprovação escolar dos alunos tidos como indisciplinados; o local preferido dos alunos quando não estão na escola; na escola, do que mais gostam e do que menos gostam; a

relação dos alunos com seus familiares; o futuro profissional dos alunos; a gravidez prematura nas adolescentes e o uso de drogas.

Os entrevistados responderam às questões em conversas informais, complementando os dados da observação.

Procedimento de Coleta de Dados:

Após a indicação do conselho de classe, no último bimestre de 2001, foram identificados os 50 alunos mais indisciplinados do Ensino Fundamental.

Durante as aulas de Educação Física e nos intervalos das aulas, no ano letivo de 2002, esses alunos foram respondendo às questões aos poucos, em conversas informais, em diversos momentos dentro da unidade escolar, de acordo com as oportunidades que surgiam dentro do convívio diário. Posteriormente, essas respostas eram anotadas numa pasta dividida pelo nome de cada aluno, em que as informações eram armazenadas e relacionadas de acordo com a ordem correta do roteiro de entrevista.

Também no ano de 2002, após a coleta de dados pela entrevista, foram aplicados três projetos pedagógicos, em que o comportamento dos alunos foi observado e devidamente registrado. Esses projetos são apresentados no capítulo que se segue.

Procedimento de Análise de Dados:

Para a posterior análise dos dados obtidos, foi utilizada a técnica de Análise de Conteúdo, modalidade de Análise Temática, que de acordo com Bardin (1977), é fundamentada no tema, o qual pode ser representado graficamente através da palavra, frase e resumo, onde para o autor, tema é a unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo certos critérios relativos à teoria e que serve de guia à leitura.

A Análise Temática de um determinado texto, resume-se em descobrir os núcleos de sentidos que fazem parte da comunicação, estuda a tendência, valores, opiniões, atitudes cuja presença tem alguma representação para o objeto definido (MINAYO, 1996).

Campo de Estudo:

Ribeirão Preto/SP – onde está situada a unidade de ensino pesquisada, assim como, os sujeitos da pesquisa, com 147 anos, que já recebeu diversos títulos que tentaram definir sua história, como por exemplo: pólo comercial da Alta Mogiana, Capital do Café, Capital da Cultura, Capital Sucroalcooleira, Capital do Chope, porém, atualmente com aproximadamente 471.111 habitantes, localizada a 310 Km da cidade de São Paulo, na região nordeste do mesmo Estado, caracterizada pelo alto nível de renda percapita, com um PIB (Produto Interno Bruto) de US\$ 3,4 bilhões, que perfaz 1,2% do PIB de todo o Estado de São Paulo e que portanto, rechaça a fama de Califórnia Brasileira, em razão também do alto volume de migrantes, atraídos pelos empregos oriundos da cana-de-açúcar (RIBEIRÃO PRETO, 2004).

O referido município também apresenta grande desenvolvimento nos setores de serviços, no comércio, sendo este com mais de 13 mil estabelecimentos, no turismo de agronegócios, na construção civil, na agricultura, como no caso específico da já citada cana-de-açúcar, com produção anual de 80 milhões de toneladas/ano, fazendo da região a maior produtora mundial no segmento, grande polarização universitária e referência mundial em pesquisa na área da saúde (RIBEIRÃO PRETO, 2004).

Sujeitos:

A escola A (unidade de ensino), assim denominada por questões éticas, situada na cidade acima citada e descrita, localizada num bairro de classe média-baixa, muito próxima da periferia e de algumas favelas. Atende alunos desde o 2º ciclo do Ensino Fundamental até o Ensino

Médio, ou seja, da 5ª série do Ensino Fundamental à 3ª série do Ensino Médio, além de supletivo para Ensino Médio.

Compunham o corpo docente, da UE, no período da realização da pesquisa (2001/02), 42 professores, sendo 20 efetivos e titulares de cargo e 20 (ACT's), professores admitidos em caráter temporário, 01 diretor e 01 assistente de direção, ambos não titulares de cargo, 02 coordenadores pedagógicos titulares de cargo, 03 inspetores de alunos e 02 funcionárias responsáveis pela limpeza.

A unidade de ensino atende os alunos do Ensino Fundamental no período vespertino, os do Ensino Médio nos períodos matutino e noturno e os do Ensino Supletivo no período noturno.

O corpo discente era formado por 843 alunos, distribuídos pelos três períodos de funcionamento da referida unidade de ensino.

A amostra deste estudo constituiu-se de 50 sujeitos escolhidos de um total de 495 alunos do Ensino Fundamental por meio de indicação dos professores, após uma reunião de conselho de classe do 4º bimestre do ano letivo de 2001. A escolha foi feita independentemente de suas produções em sala de aula, levando-se em conta apenas a quantidade de ocorrências disciplinares em que esses alunos estavam envolvidos.

CAPÍTULO IV. – DESCRIÇÃO DOS PROJETOS PEDAGÓGICOS

*“ O Professor precisa urgentemente sentar, rever e se debruçar sobre sua prática pedagógica. Isso precisa acontecer.
(RIFIOTIS apud MIRANDA, 2004, p.321).*

Foram propostos, na disciplina de Educação Física, três projetos pedagógicos, com a intenção de minimizar a indisciplina escolar: Projeto Monitores da Bagunça, Projeto Reciclar e Projeto Cidadão.

Esses projetos propunham o "envolvimento do aluno" em algumas práticas de fácil compreensão para ele e principalmente a sua "conscientização moral e ética", na tentativa de diminuir as dificuldades de relacionamento.

Conversar com os alunos foi o ponto de partida para tentar a mudança na conduta do aluno indisciplinado. A disciplina de Educação Física possibilita uma maior proximidade com o aluno devido ao contato físico, ao maior espaço disponível na sala de aula (quadra), à maior desinibição dos alunos, à maior aceitação dos conteúdos e da disciplina e a uma maneira quase sempre diferente do aluno “ver” e “sentir”o professor de Educação Física dentro do contexto escolar.

Nesses momentos de conversas, foi possível perceber que alguns alunos mostravam-se perturbados com suas vidas, com suas relações familiares e sociais e tinham muita vontade de mudar, porém sem saber como. Os relatos evidenciavam que alguns alunos enxergavam a escola, os professores e suas próprias obrigações dentro dela como mais uma forma de penalização, sentiam-se discriminados - como se já não bastassem suas próprias vidas marcadas pela pobreza e

por todo o processo de exclusão social que sofriam. Talvez por isso esse aluno agredia, tornava-se indisciplinado, rebelava-se, pois considerava todos como inimigos. Sentia-se, por fim, incompreendido pela comunidade escolar.

Os alunos observados da escola pública não possuíam condições financeiras para diversão, passeio e demais atividades que dariam vazão às suas angústias e que possibilitariam extravasar também a “energia física”; dessa forma, o espaço da aula de Educação Física tornava-se uma das poucas opções de lazer, de brincar e aprender ao mesmo tempo, sem perceber, talvez, que estavam sendo educados.

Portanto, tinham a oportunidade de brincar; correr; jogar; gritar; conversar; cooperar; aprender a respeitar as regras e as figuras de autoridade (professor, árbitro); obedecer às normas de convivência; lidar com a dor e com o prazer, com o sucesso e com a derrota; conhecer e superar seus próprios limites; conscientizar-se do seu desenvolvimento motor; internalizar os valores de consciência corporal, hábitos saudáveis de alimentação, higiene, disciplina exigida por toda prática esportiva. Enfim, podiam extravasar tudo aquilo que os incomodava e os agredia, pois era na aula de Educação Física que o aluno tinha a oportunidade de escolher fazer algo de que gostasse e que lhe desse prazer.

Diante dessa realidade que mostrava o jovem indisciplinado com vontade de aprender, de fazer as coisas e com muita energia para realizá-las, refletia-se sobre o não-aproveitamento dessa energia, que era canalizada para comportamentos negativos, gerando a indisciplina.

Projeto Monitores da Bagunça

Visou a orientar positivamente o espírito de liderança dos alunos indisciplinados, delegando-lhes atribuições, direitos e deveres dentro da Unidade de Ensino.

Um dos acontecimentos pedagógicos do ano letivo foi a realização do "torneio interclasses", que ocorre no final de cada ano, com intuito de confraternização entre os alunos e de despedida de final de ano. Nesse acontecimento, esperado com muita ansiedade por todos os alunos da escola, as classes jogam entre si em diferentes modalidades esportivas.

No ano letivo de 2002, foi colocado como requisito fundamental para a participação nos jogos que os alunos não apresentassem ocorrências disciplinares junto à diretoria. Para tanto, criou-se uma lista de alunos que inicialmente estavam proibidos de participar dos referidos jogos.

A princípio, poderia parecer mais uma forma de exclusão dos alunos indisciplinados, porém a lista serviu para escalar alguns monitores dentro das classes a fim de ajudar no monitoramento da disciplina durante as aulas, sendo que estes monitores eram justamente os alunos tidos como indisciplinados. Aproveitava-se assim a liderança que os mesmos exerciam sobre os demais alunos e tentava-se colocá-los de maneira útil dentro da escola. Como consequência, os outros alunos passaram a colaborar com os líderes e, nos relatórios quase diários sobre os atos de indisciplina nas salas de aula, notava-se a redução das condutas indesejadas.

Esses alunos, antes da implantação do projeto, eram aqueles que mesmo durante os jogos eram expulsos por agredir os colegas, por não acatar as regras do jogo, por chutar as bolas para fora da escola ou por outro motivo indisciplinar qualquer.

Durante a realização dos jogos posteriores à implantação desse projeto, esses alunos, além de não causarem mais problemas nos jogos, apresentaram bom comportamento, ajudaram na realização das súmulas, da arbitragem e da cerimônia de premiação dos campeões. Eles pareciam sentir-se importantes pela atribuição de tarefas e, sobretudo, porque estavam sendo vistos com outros olhos por toda a comunidade escolar.

Um dos alunos, considerado o mais problemático do período da tarde – e, portanto, um dos monitores escalados no projeto -, foi flagrado chamando a atenção de um outro aluno que acabava de acender um cigarro no corredor, no intervalo de troca de aula, dizendo: "apague logo isto, ou vou colocá-lo no relatório e entregar ao professor de Educação Física, ou você não sabe que está proibido fumar dentro da escola?"

Como resultado, nenhum aluno ficou fora dos jogos. Pode-se dizer que houve a "inclusão" destes alunos que encabeçavam o grupo de excluídos, culminando na melhora significativa de seus comportamentos e de suas condutas.

Os agentes escolares ficaram satisfeitos com os resultados deste projeto e outros foram implantados com parâmetros semelhantes, a fim de envolver o aluno "deslocado" em prol da melhoria do ambiente escolar, por meio da internalização de alguns valores morais por parte do aluno e da revitalização de sua auto-estima.

Projeto Reciclar

Esse projeto teve como objetivo conscientizar os alunos indisciplinados – os quais, na maioria das vezes, eram os grandes responsáveis pelos furtos e atos de vandalismo dentro da escola - do combate ao desperdício e da preservação do meio ambiente, atitudes que os levou à reciclagem do lixo.

Uma das grandes dificuldades da disciplina de Educação Física na escola pública é justamente a falta de material esportivo, pois não existe verba suficiente para reposição do material que se estraga com facilidade, devido às más condições de preservação das quadras, além dos roubos de bolas pelos próprios alunos.

Diante dessa carência de material e verba, foram convocados outros alunos tidos como indisciplinados, além dos que já haviam participado do projeto anteriormente descrito, para

representar as equipes de suas salas. Cada sala representava uma equipe, que possuía uma cor, um nome e um grito de guerra.

O objetivo de cada equipe foi juntar ou arrecadar materiais que pudessem ser reciclados, tais como recipientes de alumínio, garrafas de plásticos, jornais, etc, e que foram arrecadados dentro da própria comunidade escolar e nos bairros que circundam a escola.

Era uma competição, cujo vencedor seria a equipe (classe) que conseguisse arrecadar maior quantidade de material. Posteriormente todo o material arrecadado seria vendido pela escola, com a ajuda dos alunos.

Ao final do período da competição, a equipe vencedora ganharia uma tarde no clube - CPP (Centro do Professorado Paulista).

Os alunos indisciplinados foram colocados também à frente deste projeto como líderes de suas equipes e responsáveis pela arrecadação dos materiais. Observou-se novamente um grande engajamento dos alunos indisciplinados na tarefa de arrecadar material reciclável. Além disso, várias disciplinas discutiram as questões do combate ao desperdício, da preservação do meio ambiente e da reciclagem do lixo.

Com o dinheiro arrecadado da venda dos recicláveis foi comprado material esportivo suficiente para todo o ano letivo. Os alunos "líderes" eram vistos argumentando com alguns alunos indiferentes à participação na arrecadação dos materiais que o dinheiro arrecadado era para a compra de material esportivo para eles próprios poderem usar nas aulas de Educação Física.

O resultado foi positivo, pois os alunos problemáticos - que estragavam o material esportivo e muitas vezes os roubavam - ajudaram a comprá-los.

Muitas vezes, durante as aulas de Educação Física, quando uma bola era jogada para fora da escola acidentalmente durante alguma atividade, dificilmente esta mesma bola retornava.

Freqüentemente eram ouvidas expressões do tipo: “lá fora, a bola não é de ninguém, pois achado não é roubado!”, ou “essa bola vai ficar ótima no campinho lá perto de casa!”, ou ainda “professor, fica tranquilo que essa bola vai voltar! Voltar lá para minha casa, né!”

Após a realização do projeto, observou-se a conscientização do aluno em relação ao fato de que as bolas e os demais materiais esportivos não eram da escola, e sim deles mesmos, pois foram eles que arrecadaram com seus próprios esforços o dinheiro para a compra do material esportivo; deveriam então zelar por aqueles materiais que eles mesmos utilizariam.

Com o projeto, conseguiu-se o engajamento dos alunos e também dos pais, que colaboraram trazendo para escola os materiais recicláveis, conscientes de que seriam revertidos em benefícios para seus próprios filhos, destacando-se também uma maior aproximação e integração entre a família e a escola, o que atualmente também representa um importante fator no processo ensino-aprendizagem.

Projeto Cidadão

Visou-se com esse projeto ao ensino dos conteúdos baseados na proposta da LDB. n.º 9394/96, e de acordo com Brasil (1996), que trata dos Temas Transversais - Brasil (1997), abordando temas como educação sexual, relações de trabalho, pluralidade cultural, meio ambiente, saúde, drogas, objetivando uma inserção dos alunos no contexto de cidadania. Foi o único projeto que inicialmente encontrou barreiras para ser implantado, pois os alunos resistiam a participar devido, principalmente, à diminuição das aulas práticas de Educação Física - aproximadamente 50% da carga horária da disciplina abordaria temas considerados de fundamental importância na construção de um cidadão consciente e ético dentro da sociedade.

O projeto consistiu em levar os alunos à sala de aula durante as aulas de Educação Física para desenvolver temas pelos quais posteriormente eles próprios mostraram grande interesse e curiosidade.

Dentro do tema educação sexual, abordaram-se assuntos como: doenças sexualmente transmissíveis/prevenção; AIDS; gravidez na adolescência; período fértil / menstruação; métodos contraceptivos; homossexualidade; amadurecimento fisiológico e sexualidade.

Para o desenvolvimento deste tema, contou-se com a participação voluntária de enfermeiros da Secretaria Municipal da Saúde, da cidade de Ribeirão Preto/SP, e com uma empresa de absorventes íntimos, que forneceu material didático, explicativo e suporte técnico, assim como total assessoria nas discussões sobre o assunto durante as aulas.

Apesar da dificuldade inicialmente encontrada, desenvolveu-se todo o conteúdo proposto devido à grande curiosidade dos jovens sobre os referidos temas. Alguns assuntos foram trabalhados separadamente entre meninos e meninas.

O nível de interesse dos alunos foi elevado, apesar do visível constrangimento inicial quando tinham de expor diante dos outros suas principais dúvidas sobre o assunto.

Os temas que mais se destacaram foram: preservativos, homossexualidade/heterossexualidade, menstruação e períodos de fertilidade. Com o transcorrer do projeto, os alunos foram perdendo a inibição inicial e acabaram participando efetivamente das palestras ministradas com perguntas e comentários.

O tema Relações de Trabalho foi escolhido devido à dificuldade – observada durante as entrevistas - dos alunos tidos como indisciplinados em diferenciar as profissões no mercado de trabalho. Eles não possuíam a real compreensão do significado de ser, por exemplo, um médico, um advogado, um veterinário, um professor e de suas verdadeiras atribuições. Evidenciavam-se aí alguns equívocos, como quando algumas meninas manifestaram um grande interesse em se

tornarem pediatras e, quando indagadas sobre o que realmente uma médica pediatra fazia no seu dia-a-dia, afirmaram: “cuidar de crianças”.

Ao serem esclarecidas sobre as reais atribuições do médico pediatra, da medicina infantil e sobre suas dificuldades, elas se surpreenderam, pois imaginavam que o trabalho fosse apenas tomar conta das crianças, ou seja, algo que parecesse com o trabalho de uma babá.

Analogamente, as outras profissões foram abordadas de acordo com os interesses dos alunos. Nos casos das profissões que somente mostravam o seu lado glamouroso – como jogadores de futebol e pagodeiros, entre outras - foram discutidas e mostradas as dificuldades que esses profissionais enfrentavam.

O tema Pluralidade Cultural foi desenvolvido por meio de aulas explicativas, em que os alunos foram levados a pensar sobre a composição étnica brasileira em todos os níveis sociais.

No tema Meio Ambiente desenvolveram-se os conteúdos da preservação de bens de consumo, como água potável, energia elétrica, da reciclagem de lixo, além de noções de preservação ambiental.

Com o tema Saúde, abordou-se a importância do desenvolvimento de hábitos saudáveis de higiene e saúde, atividade física, consciência corporal, fatores de riscos de doenças como a obesidade e diabetes, a fim de esclarecer os alunos sobre as formas de prevenção dessas doenças e as dificuldades de seus tratamentos.

Para o desenvolvimento do tema Drogas, contou-se com algumas palestras de voluntários de um grupo de apoio anti-drogas da cidade de Uberlândia/MG, e, novamente, de médicos da Secretária Municipal da Saúde, que esclareceram os males e prejuízos físicos, morais e sociais que drogas como o cigarro, álcool, maconha, cocaína e o craque podem causar ao ser humano.

Durante a condução do projeto, observou-se o interesse de grande parte da comunidade escolar, assim como de muitos dos alunos indisciplinados, pelos referidos temas. Pode-se dizer

que o projeto contribuiu para o esclarecimento de muitas dúvidas que tanto incomodavam os jovens, pois havia a curiosidade natural da própria idade, a vergonha de perguntar e até mesmo a falta de ter a quem perguntar.

Alguns alunos, tidos como problemáticos, demonstraram grande interesse nos temas, e justamente os envolvidos com o tráfico de drogas foram os mais participativos, chegando a questionar o médico que participava do projeto e a criar discussões interessantes, como, por exemplo, se a maconha causa ou não dependência química, se ela faz mais mal em comparação ao cigarro comum, quais os principais efeitos colaterais e os males que acometem os usuários de drogas.

Um dos efeitos positivos do Projeto Cidadão foi a mudança nas relações de amizade que se desenvolveram com o professor de Educação Física, por estar à frente do projeto, resultando em um maior respeito e aceitação da autoridade docente e, assim, minimizando alguns aspectos indisciplinares na referida disciplina e até mesmo dentro da escola.

O fato relatado a seguir ilustra o estabelecimento da relação de confiança construída entre o professor de Educação Física e seus alunos. Posteriormente à realização do projeto, uma menina da 6ª série do Ensino Fundamental, durante a aula de Educação Artística, foi acometida pela primeira menstruação (menarca). Apesar do quadro docente da escola ser constituído quase que em sua totalidade por docentes do gênero feminino, a referida aluna não expôs a situação a ninguém, nem à sua mãe, que poderia ter sido chamada naquele momento; dirigiu-se então ao professor de Educação Física, relatando o ocorrido.

Espanto e surpresa foram as reações do referido professor diante da confiança depositada pela menina. A questão havia sido abordada anteriormente em conversas sobre educação sexual durante as aulas de Educação Física, e a aluna talvez tenha estabelecido relações de confiança para solicitar a ajuda do referido professor.

CAPÍTULO V. – ANÁLISE DE DADOS

“Violência e Indisciplina são palavras ícones da escola moderna em crise”.

(RIFIOTIS, apud MIRANDA, 2004, p.144).

Este Capítulo está dividido em duas partes: a primeira ilustra alguns dos problemas enfrentados pela escola e a segunda caracteriza o aluno tido como indisciplinado.

a) Caracterização da escola e seus problemas:

A Unidade de Ensino, nos anos letivos de 2001/02, em que foi realizada a pesquisa, localiza-se num bairro de classe média-baixa e atende alunos com dificuldades materiais. As figuras 1 e 2 mostram a precariedade da quadra de esportes, que apresentava rachaduras e não possuía cobertura, fato que levava alguns alunos, principalmente os que faziam as aulas às 13 h, a passarem mal.

Figura 1: Visão das rachaduras na quadra da escola.



Figura 2: Visão geral da quadra de esportes da escola.



Além disso, a escola apresentava falta de materiais, inclusive esportivos, fazendo com que os professores desenvolvessem atividades diferenciadas a fim de cumprir os conteúdos mínimos e, no caso da Educação Física, também assegurar o desenvolvimento motor das crianças.

Pode-se considerar grave o descaso dos governos em relação às escolas que atendem as famílias carentes, pois em alguns casos esse é o único lugar que essas crianças frequentam também com finalidade de lazer.

Figura 3: Crianças fazendo aula de Educação Física.



Figura 4 - Traficante invadindo a escola.



A fragilidade da escola diante dos perigos, como ilustra as figuras 4 e 5, e o grande número de jovens que qualquer Unidade de Ensino possui figuram como um grande atrativo para os traficantes, que enxergam na escola a possibilidade de corromper indivíduos, o que deixa impotente toda a comunidade escolar.

Figura 5: Alunos consumindo drogas na escola.



Figura 6: Aluna pulando o muro da escola.



Os praticantes deste tipo de ação, ilustrada na figura 6, não respeitam os horários de entrada e saída: ignoram a existência dos portões da escola e arbitrariamente estabelecem os horários escolares.

A prática de fugir da escola saltando o muro era exclusiva dos alunos do gênero masculino, porém ultimamente este delito foi incorporado às meninas. Mais do que representar maior risco de acidentes e quedas durante as fugas, a situação mostra a banalização do ato.

Outros atos que também estavam se tornando comuns eram as explosões de bombas, pequenos furtos dentro da escola, agressões entre alunos, depredação do espaço escolar (vide figura número 7), depredação dos bens particulares, principalmente de professores, ilustrado pelas figuras 8 e 9, ameaças de agressões físicas também a professores, assim como, agressões verbais à todos os funcionários da unidade de ensino, entre outros.

Figura 7: Na quadra, tabela de Basquetebol com o aro arrancado pelos alunos.



A figura 7 ilustra a depredação do espaço escolar pelos próprios alunos e que em função da pouca verba disponibilizada para reparos durante o ano letivo, deixa a unidade de ensino desprovida de diversos recursos didático/pedagógicos, prejudicando o processo ensino/aprendizagem nas diversas disciplinas, frente ao vandalismo.

Figura 8: Iniciais de um aluno no capô do carro de um professor.



As figuras 8 e 9, ilustram outras formas de vandalismo, sendo que na primeira, um aluno após ter sido encaminhado à diretoria por atos de indisciplina na sala de aula, escreveu com um

prego, suas iniciais: “W N”, no capô do carro do professor envolvido na ocorrência, e na segunda, mostra a porta de outro carro, sendo este, do diretor da escola da época da realização da pesquisa, também riscado, todos por vingança, segundo relato dos próprios alunos.

Figura 9: Riscos na porta do carro do diretor.



b) Caracterização do aluno considerado indisciplinado:

Foram sujeitos da pesquisa 50 alunos do Ensino Fundamental, sendo 36 do gênero masculino e 14 do gênero feminino, com idades que variaram dos 11 aos 17 anos.

Vinte e um alunos da amostra (42%) eram oriundos da 5ª série A e B, consideradas as classes mais problemáticas do período da tarde. Essas classes possuíam o maior número de crianças de uma instituição que abrigava menores carentes.

Os sujeitos em sua maioria residiam em favelas, ou na periferia que circunda o bairro em que está localizada a referida Unidade de Ensino. Essa região é composta por moradores de baixa renda, e apenas 5% dos alunos eram oriundos de bairros de classe média.

46% dos alunos indisciplinados moravam em casas e/ou terrenos invadidos, ou em casas alugadas. Uma grande parte dos alunos, cujos pais os deixavam lá para trabalharem e/ou por não

terem condições de cuidar e alimentar seus filhos, vivia em uma instituição que abrigava crianças, cujo funcionamento assemelhava-se ao dos Educandários.

Chama atenção a pequena porcentagem de alunos indisciplinados que residiam em casa própria (apenas 3%) e a porcentagem relativamente grande de alunos que afirmaram não saber com certeza onde moravam, devido ao fato de às vezes morarem em instituições e às vezes, nas casas dos pais ou outro familiar. Os relatos revelaram que algumas famílias visitavam as crianças em períodos que variam de uma vez por semana a três ou quatro vezes por ano.

Essa situação acarretava nestas crianças dificuldade para estabelecerem referenciais como o local onde moravam e outros conceitos e valores familiares.

Dentre os que residiam em favelas, estavam incluídos dois alunos que residiam no "Lixão Municipal de Ribeirão Preto", ou seja, lá residiam, retiravam seu sustento, alimento, vestimentos e conviviam em um ambiente sem as condições básicas de dignidade e sobrevivência. Era comum nesta Unidade de Ensino que esses dois alunos, juntamente com outros dois que não eram considerados indisciplinados, mas que também residiam neste mesmo "lixão", passassem mal, devido à ingestão de alimentos em estágio avançado de decomposição, que seus familiares retiravam do lixo e lhes ofereciam.

Com a intenção de identificar o nível social das famílias dos alunos indisciplinados, investigou-se o tipo de residência em que esses alunos viviam, como pode ser observado na tabela 1.

Tabela 1: Distribuição dos sujeitos de acordo com o tipo de moradia.

Tipo de Moradia	% de alunos
Alguma instituição	37%
Alugada	26%
Invadida	20%
Não sabe	14%
Própria	3%
Total	100%

Os alunos indisciplinados desta amostra eram, em sua maioria, de etnia “parda”, seguidos pelos de etnia “branca” e pelos de etnia “negra”, como se observa na tabela 2.

Tabela 2: Distribuição dos sujeitos de acordo com a etnia.

Etnia	% de alunos
Pardos	57%
Branco	24%
Negros	11%
Indígenas	8%
Total	100%

Os descendentes asiáticos, apesar de serem um grupo étnico presente dentro da referida Unidade de Ensino, raramente apresentavam problemas disciplinares, justificando o fato de não haver alunos deste grupo na amostra do estudo.

Em relação à constituição familiar dos alunos, observou-se que a maioria não convivia na mesma casa com seus pais, por isso o responsável pela educação dos filhos era uma outra pessoa, do grupo familiar ou não, como mostra a tabela 3.

Tabela 3: Distribuição dos sujeitos de acordo com os responsáveis pela sua educação fora da escola.

Responsáveis	% de alunos
Outra pessoa	32%
Somente a mãe	21%
Mãe e padrasto	29%
Somente o pai	10%
Pai e mãe	8%
Total	100%

32% dos sujeitos afirmaram que devido ao fato de terem perdido seus pais por falecimento, prisão ou abandono, outras pessoas, como tios, avós ou padrinhos as criavam.

Os dados da tabela 3 podem sugerir que o desajuste escolar desses alunos teria relação com a ausência de figuras referenciais, como o pai e a mãe, tão importantes dentro da formação da personalidade de qualquer indivíduo.

“ A própria situação do país, leva a família a estar deste jeito. E isto vai gerando uma coisa atrás da outra. Porque eu tenho pais, inclusive que eu chamo aqui na escola e os mesmos dizem: meu filho, não. Meu filho em casa não é assim. A família esta tendo duas visões: o filho em casa e o filho na escola. O filho da escola, ele não conhece direito, justamente porque ele não está tendo tempo de olhá-lo. Eu ainda acho que a família é a base de tudo”. Fala de um Diretor de Escola Pública, extraída de Miranda, (2004).

A tabela 4 mostra que 69% dos alunos entrevistados declararam que alguns de seus familiares - pais, irmãos, tios e padrastos que residiam com eles - possuíam algum tipo de antecedente criminal, estavam ou estiveram presos.

Tabela 4: Distribuição dos sujeitos de acordo com os familiares com antecedentes criminais.

Familiares com antecedentes	% de alunos
Sim	69%
Não	31%
Total	100%

Esses dados mostram uma considerável incidência de criminalidade no ambiente familiar. Pode-se afirmar que esses alunos conviviam com exemplos de conduta moral que certamente interferiram em suas vidas escolares, como pode ser inferido pela fala de um pai diante da comunicação feita pela escola de que seu filho era um traficante: “Já estava na hora dele começar. Eu comecei com 12 e ele já tem quase 15, fazer o quê, né, professor? A gente ganha dinheiro como pode!”

A tabela 5 parece ilustrar a influência do comportamento moral da família no comportamento moral dos alunos tidos como indisciplinados: 62% dos sujeitos declararam que já foram presos em instituições correcionais para menores, em sua maioria por tráfico de drogas, por furtos - em alguns casos à mão armada - e por seqüestros-relâmpago.

Logo após a realização das entrevistas com os alunos indisciplinados, a Unidade de Ensino recebeu dois ex-alunos que estavam ausentes no período de realização da coleta de dados por motivos criminais como latrocínio (roubo seguido de homicídio) e envolvimento em seqüestro-relâmpago. Esses alunos, posteriormente, foram reintegrados à comunidade escolar dentro do regime de “LA” (Liberdade Assistida), como garante o ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990).

Tabela 5 - Distribuição dos sujeitos de acordo com as passagens por instituições correcionais.

Gênero	Antecedentes Criminais		Total
	Sim	Não	
Masculino	32	4	36
Feminino	0	14	14
Total	32	18	50

É interessante observar que todos os 32 alunos com antecedentes criminais são do gênero masculino. Isto significa que 88,8% dos meninos indisciplinados da amostra já estiveram reclusos, convivendo com outras crianças que cometeram delitos tão ou mais graves que os seus.

A tabela 6 mostra que a grande maioria dos alunos indisciplinados convivia em ambientes de pouca escolarização: as mães desses alunos apresentaram um nível um pouco melhor de escolarização, visto que algumas haviam concluído o Ensino Fundamental, diferentemente dos pais - pelo menos 10% destes eram analfabetos.

Tabela 6 - Distribuição dos sujeitos de acordo com o nível de escolaridade dos pais.

Nível de Escolaridade	Pai (%)	Mãe (%)
Nunca foi à escola.	10	0
E. F. incompleto.	27	35
E. F. completo.	20	16
E. M. incompleto.	5	6
E. M. completo.	5	6
Ens. Sup. incompleto.	3	3
Ens. Sup. completo.	10	9
Não sabe.	20	25
Total	100%	100%

Pelo fato das mães da amostra possuírem um índice de escolaridade maior que a dos pais, é possível inferir a existência de uma realidade de desistência escolar mais precoce por parte dos alunos do gênero masculino.

Talvez como consequência da baixa escolaridade dos pais, o índice de desemprego dos familiares era elevado, como pode ser observado na tabela 7.

Tabela 7 – Distribuição dos sujeitos de acordo com a inserção dos familiares no mercado de trabalho.

Inserção no mercado de trabalho	% de pais
Empregados	25%
Desempregados	75%
Total	100%

Visto que 75% dos pais estavam desempregados, revelaram-se, de maneira alarmante, as privações econômicas a que esses alunos provavelmente eram submetidos

A tabela 8 mostra o tipo de ocupação dos 25% de pais que estavam empregados na época da coleta de dados.

Tabela 8 - Distribuição dos sujeitos de acordo com os tipos de ocupações de seus pais.

Tipo de Ocupação	Frequência
Ambulantes	04
Comerciários	03
Pedreiros	03
Empregadas domésticas	02
Mototaxistas	02
Traficantes	02
Mecânico	01
Total	17

Os dados mostram que os pais que estavam empregados eram trabalhadores do mercado informal e/ou subempregados, profissões que exigem pouca ou nenhuma escolaridade. Os catadores de papel e outros recicláveis foram denominados de ambulantes.

O índice de reprovação escolar é outro aspecto bastante presente na realidade do aluno indisciplinado da amostra: 80% dos alunos já haviam sido reprovados - devido ao elevado índice de ausência nas aulas -, apesar do regime de progressão continuada, que prevê a reprovação do aluno apenas ao final de cada ciclo ou em caso de um número maior ou igual a 250 faltas/aula/ano - ser o regime adotado em toda a rede de ensino público do Estado de São Paulo, de acordo com a LDB n.º 9394 de 20/12/1996. Observa-se que os alunos tidos como indisciplinados eram, em sua grande maioria, alunos faltosos, evadidos durante o ano letivo e que retornavam a cada início de ano (BRASIL, 1996).

A quantidade elevada de faltas parecia não ser motivada pela necessidade desses alunos de trabalhar, visto que apenas 10% deles relataram exercer algum tipo de atividade profissional: três alunos eram ambulantes (catadores de material reciclável) e dois meninos atuavam no tráfico de drogas.

Dentro dessa realidade, a atividade de tráfico de drogas parece crescer assustadoramente, como se verifica nos noticiários diariamente. Em geral, os alunos eram recrutados para trabalharem como "avião" para os traficantes, levando e trazendo drogas durante o seu processo de comercialização. Os menores são recrutados para este tipo de função devido à impossibilidade de serem processados e julgados caso sejam apanhados com as drogas pela polícia.

Chamava atenção o fascínio das meninas pelo menino que apresentava algum tipo de envolvimento criminal, talvez pela sensação de poder, força, masculinidade e de proteção que o mesmo pudesse lhe proporcionar. Isso poderia acabar incentivando a entrada de outros meninos nessa atividade, também atraídos pela possível capacidade de encantar as meninas.

Quando indagados sobre o que faziam no seu tempo ocioso , 83% dos alunos afirmaram que ficavam nas ruas. A tabela 9 parece explicar a razão de um número tão elevado de alunos passarem tanto tempo nas ruas, pois 61% deles afirmaram preferir ficar em qualquer lugar, exceto em suas próprias casas.

Tabela 9 – Distribuição dos sujeitos de acordo com o local preferido de permanência quando não estão na escola.

Local preferido	% de alunos
Qualquer lugar, exceto suas casas	61%
Casa de parentes	9%
Rua	14%
Escola	16%
Total	100%

Os relatos parecem evidenciar que as residências desses alunos não eram locais agradáveis de convívio e permanência.

Investigou-se também o motivo pelo qual as casas desses alunos apareciam como um local tão desagradável para convívio e permanência. Esses alunos alegaram que os familiares os obrigavam a trabalhar em serviços domésticos pesados, além de presenciarem alguns fatos que lhes eram negativos, como brigas entre os familiares, uso excessivo de álcool ou drogas, agressões a outros familiares - como irmãos mais novos -, além da carência financeira.

16% os alunos afirmaram que seu local preferido era a escola. Alguns dos alunos tidos como indisciplinados revelaram que ansiavam pelo término dos períodos de férias escolares para retornarem à escola e ficarem longe da companhia de seus familiares.

Com a crença de que a escola deveria ser um local agradável para todos os alunos, não pelos motivos citados anteriormente, mas porque provavelmente isto potencializaria a aprendizagem dos mesmos, questionou-se sobre o que eles mais gostavam na escola.

A tabela 10 mostra que a merenda e as aulas de Educação Física eram as coisas mais apreciadas dentro da escola pelos alunos da amostra.

Tabela 10 – Distribuição dos sujeitos de acordo com o que elas mais gostavam na escola.

O que os sujeitos mais gostavam	% de alunos
Da merenda.	36%
Das aulas de educação física.	34%
Dos amigos.	20%
Da bagunça.	10%
Total	100%

Apesar da questão ter sido formulada pelo professor de Educação Física, o que poderia sugerir que as respostas dos alunos foram induzidas para tentar agradá-lo, acredita-se que a Educação Física possa ser uma ferramenta pedagógica importante no desenvolvimento da relação professor-aluno e no combate à indisciplina escolar, devido à grande aceitação, por parte dos alunos, da própria disciplina, de seus conteúdos e dos docentes.

Em contrapartida, o diretor e a disciplina de Matemática apresentaram os mais altos índices de rejeição, quando os alunos foram indagados sobre as coisas de que eles menos gostavam dentro da escola, como pode ser observado na tabela 11.

Tabela 11 - Distribuição dos sujeitos de acordo com o que eles menos gostavam na escola.

O que os sujeitos menos gostavam	% de alunos
Do diretor:	30%
Da Matemática.	25%
De fazer tarefas.	16%
De algum professor específico.	15%
Dos inspetores de alunos.	14%
Total	100%

Observou-se que as figuras de autoridade, como o diretor de escola, o inspetor de alunos e os professores que exigiam o cumprimento das obrigações escolares, como a lição de casa, detinham os principais índices de rejeição, que pode estar associada à dificuldade desses alunos em aceitar limites. Observou-se também que os pais ou padrastos, quando eram chamados por algum problema disciplinar, provocavam revolta nos alunos e as conversas convertiam-se em discussões mais graves, evidenciando falta de diálogo e controle dos responsáveis para com seus filhos, como se pode perceber pelos exemplos apresentados a seguir:

"Não posso fazer nada. Se vocês que são da escola não conseguem fazer nada, imaginem eu?"

"Não sei mais o que fazer."

"Ele é assim mesmo desde criança. O que eu posso fazer ?"

A tabela 12 mostra que essas figuras, pais e padrastos, foram as mais citadas pelos sujeitos como sendo o familiar de quem eles menos gostavam dentro de suas casas.

Tabela 12 - Distribuição dos sujeitos de acordo com o familiar que os alunos mais gostavam e menos gostavam.

Figura familiar	De quem eles mais gostavam	De quem eles menos gostavam
Mãe	49%	0%
Padrasto	0%	41%
Pai	5%	39%
Tio	0%	15%
Irmãos	26%	5%
Avô	10%	0%
Avó	10%	0%
Total	100%	100%

Em contrapartida, os dados revelaram que as mães eram a figura que merecia maior carinho e respeito desses alunos. Frequentemente, mesmo no caso do Ensino Médio, em que os alunos eram mais velhos, quando as mães eram chamadas para resolver alguns casos de indisciplina junto à escola, eram a única figura diante da qual os alunos abaixavam suas cabeças e sentiam-se envergonhados. A figura materna parecia funcionar como uma espécie de pilar de sustentação dentro das casas, mesmo naquelas que aparentavam maior desestruturação.

Quando indagados sobre o motivo de não gostarem dos pais e padrastos, 55% dos alunos responderam que apanhavam em diversas situações, como quando incumbidos de trazer dinheiro para casa e não o faziam, ou quando os pais e padrastos bebiam ou tinham um outro problema qualquer nas ruas e acabavam “descontando” neles, na forma de agressão física e/ou verbal, como pode ser observado na tabela 13.

Tabela 13 – Distribuição dos sujeitos de acordo com o motivo pelo qual não gostavam dos pais e padrastos.

Motivo	% de alunos
Apanhavam	55%
Os pais eram chatos	10%
Eles também não gostam de mim	20%
Eles brigam comigo	15%
Total	100%

Com relação à expectativa profissional dos alunos da amostra, a tabela 14 mostra que as profissões mais citadas pelos meninos eram as que poderiam proporcionar-lhes dinheiro e/ou respeito.

Tabela 14 - Distribuição dos sujeitos do gênero masculino de acordo com a aspiração profissional futura.

Profissão	% de alunos
Jogador de futebol.	38%
Cantor.	22%
Qualquer coisa que dê dinheiro.	20%
Não sabem.	10%
Traficante	5%
Policial	5%
Total	100%

Muitos alunos demonstravam grande admiração por traficantes e demais criminosos, principalmente por aqueles que morreram em confronto com a polícia, os quais se transformavam em verdadeiros heróis.

Analogamente, as meninas almejavam profissões de pouca escolaridade e remuneração elevada, como ilustra a tabela 15. Entretanto 15% delas manifestaram desejo de se tornarem profissionais de nível superior, o que não ocorreu com nenhum dos meninos.

Tabela 15 - Distribuição dos sujeitos do gênero feminino de acordo com a aspiração profissional futura.

Aspiração profissional	% de alunos
Arrumar marido rico.	30%
Dançarina de pagode.	25%
Apresentadora de programa infantil.	20%
Médica de crianças.	10%
Não sabem.	10%
Professora.	5%
Total	100%

No ano letivo de 2001, no Ensino Fundamental da Unidade de Ensino pesquisada, havia quatro meninas grávidas: duas meninas tiveram os filhos, uma sofreu aborto espontâneo e outra, aborto provocado. Com relação aos pais dessas crianças, dois estavam presos e um falecera em confronto com rivais no tráfico de drogas. Essa situação revela problemas sérios relativos à gravidez prematura das meninas e ao envolvimento delas com parceiros ligados à criminalidade.

Destacou-se o caso de uma menina, de 12 anos, da 5ª série do Ensino Fundamental, que residia com sua mãe e padrasto e que ficou grávida de seu primo, em decorrência do padrasto tê-la oferecido por uma semana como pagamento de dívidas de jogo.

Outro fator extremamente preocupante é relativo ao uso de drogas: 30% dos alunos indisciplinados relataram utilizar e/ou ter utilizado algum tipo de droga. Dentre os 50 alunos

pesquisados, 15 (quinze) alunos já foram flagrados dentro da unidade de ensino portando drogas, bebidas, em estado de embriaguez ou drogados.

CAPÍTULO VI. - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A concepção da “educação bancária” é uma das principais causas da indisciplina escolar, pois carrega consigo, um currículo fechado, uma prática docente autoritária, conteúdos desconectados da realidade dos alunos, portanto uma educação domesticadora (REBELO, 2000, p. 179).

É fato inegável para os educadores que a indisciplina escolar constitui um dos maiores desafios do sistema educacional do 3º milênio e que traz dificuldades nas relações professor/aluno, prejudicando o processo de ensino/aprendizagem dentro da sala de aula.

Em função desta realidade, a busca incessante de alternativas para a redução destes aspectos é de fundamental importância, não só para os educadores e os alunos, mas para toda a sociedade brasileira.

Este estudo, realizado com 50 alunos de uma escola pública da Rede Estadual de Ensino do Estado de São Paulo, permitiu conhecer a realidade em que vive o aluno indisciplinado, assim como alguns fatores determinantes da indisciplina escolar.

As respostas dadas às questões feitas nas entrevistas informais deixaram entrever seus sentimentos, percepções, inquietações, angústias e expectativas em relação às experiências na escola, na família e no grupo de pares. Fatores sócio-econômicos e culturais da família contribuíram para caracterizar as condições de vida e traçar um perfil do aluno indisciplinado, como vivia e quem era o sujeito de estudo dessa pesquisa.

Tal caracterização apontou que 95% dos sujeitos da amostra residiam na periferia da cidade, sendo que apenas 3% moravam em casa própria.

Os dados mostraram que 69% dos sujeitos possuíam familiares com antecedentes criminais, que poderiam estar influenciando o comportamento moral dos alunos tidos como indisciplinados, visto que 63% da amostra já haviam passado por instituições correccionais.

Observou-se que os pais dos sujeitos possuíam baixo nível de escolaridade - 10% dos pais nunca haviam ido à escola e 35% das mães não possuíam o Ensino Fundamental completo. Esse fato pode estar associado ao elevado índice (75%) de desemprego dos mesmos. A ocupação dos outros 25% dos familiares dividia-se em comerciários, ambulantes, pedreiros, empregadas domésticas, mecânicos, mototaxistas e traficantes.

Entre os sujeitos, observou-se que 10% possuíam alguma ocupação remunerada, como ambulante ou traficante.

61% dos sujeitos afirmaram preferir estar em qualquer lugar, exceto suas casas, alegando excesso de serviço doméstico e/ou maus-tratos.

Esses dados apontaram a realidade em que os alunos considerados indisciplinados viviam, parecendo indicar que tal realidade favorecia condutas sociais não aceitas no contexto escolar.

Com relação às condutas apresentadas na escola, observou-se que 80% dos sujeitos da amostra já haviam sido reprovados devido ao grande número de ausências nas aulas.

Quando indagados sobre do que mais gostavam na escola, 34% dos alunos afirmaram gostar das aulas de Educação Física. Provavelmente esta aceitação se deva aos conteúdos e às atividades mais lúdicas, como jogos e competições que favorecem os processos de integração e desenvolvimento motor, afetivo e cognitivo dos alunos. Daí a Educação Física tornar-se uma importante ferramenta pedagógica na minimização da indisciplina escolar, como foi ilustrado pelos projetos pedagógicos apresentados neste estudo.

O problema da indisciplina na escola diz respeito a toda a comunidade escolar. Algumas vezes o aluno chega à escola trazendo seus problemas, e a escola, por sua vez, por não saber lidar com esses problemas, acaba por agravá-los.

Segundo Aquino (1996), é o sentimento de exclusão de alguns alunos dentro da própria escola uma das principais causas da indisciplina escolar. O aluno deslocado dentro da comunidade escolar e dentro do próprio processo ensino-aprendizagem se rebela e agride este mesmo sistema, que não o compreende e que também não é compreendido por ele.

Neste aspecto, ressaltam-se os projetos pedagógicos realizados na disciplina de Educação Física, que tiveram a intenção de integrar esses alunos à escola, delegando responsabilidades e favorecendo o comprometimento destes com o grupo.

A melhor compreensão da realidade dos alunos pode facilitar uma melhor interação professor-aluno e a elaboração de uma proposta pedagógica mais adequada aos anseios e necessidades dos alunos.

Mais importante que combater é propiciar situações, para que educadores e demais agentes escolares possam prevenir a indisciplina escolar e conseqüentemente, viabilizar o processo ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, S. T. P. **Indisciplina escolar: um estudo exploratório sobre a relação família e escola**. Marília: Escola de Educação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. (Dissertação de Mestrado), 2001.

ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. Papirus. Campinas, 1986

ANDRÉ, M. E. D. A. e LÜDKE, M. **Pesquisa em educação: Abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1995.

AQUINO, J. G. (Org.) **Indisciplina na Escola: Alternativas Teóricas e Práticas**. São Paulo: Summus, 1996. 2ª edição.

ARENDT, H. **Da violência**. Brasília: UNB, 1985. p. 46.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Edições 70, 1977.

BELINI, R. L. **Representações sociais da (in) disciplina**. Porto alegre: Escola de Educação da Universidade Federal do Rio grande do Sul. (Dissertação de Mestrado), 1999.

BOCK, A. M. B; FURTADO, O. e TEIXEIRA, M. L. **Psicologias – uma introdução ao estudo da psicologia**. São Paulo: Editora Saraiva, 1995.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n.º 9394. Brasília; MEC/SEF, 1996.

_____. Ministério da Saúde. Ministério da criança/Projeto minha gente. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei n.º 8069/90. Brasília, 1990.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília; MEC/SEF, 1997, v.1, v.8 e v.10.

CAMACHO, L. M. Y. **Violência e indisciplina nas práticas escolares de adolescentes**. São Paulo: Faculdade de Educação/USP. (Dissertação de Mestrado), 2000.

CASTILHO, T. C. **A virtude e a disciplina na escola a partir de uma leitura psicológica - um estudo empírico com base no modelo teórico de Kohlberg**. Marília: Escola de Educação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. (Dissertação de Mestrado), 2001.

CERVO, A. L. **Metodologia científica**. 5ª edição. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

DAÓLIO, J. **Da cultura do corpo**. Campinas: Papyrus, 1995.

ESTRELA, M. T. **Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na sala de aula.** Portugal: Ed. Porto, 1992.

FEFFERMANN, M. **Na fronteira da lei e do fora da lei: um estudo sobre o discurso de crianças e adolescentes na periferia do município de São Paulo.** São Paulo: escola de Psicologia da Universidade de São Paulo. (Dissertação de Mestrado), 1997.

FERNANDES, A. M. C. **O engendramento da indisciplina no cotidiano escolar: um novo problema ou uma velha questão.** Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. (Dissertação de Mestrado), 2000.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 1996.

KIDDER, L. H. (Org.). **Métodos de pesquisa nas relações sociais: delineamentos de pesquisa.** São Paulo: EPU, 1987. v. 1.

LA TAYLLE, Y.; DIAS, A.; PATARRA, I. O nascimento da consciência de ser objeto para outrem. **Anais da XV. Reunião Anual de Psicologia, 25 a 29 de outubro de 1995.** Ribeirão Preto: Resumos, 1995. p.396.

LA TAYLLE, Y; KOHL, M. O; DANTAS, H. **Piaget, Vygotsky, Wallon: Teorias psicogenéticas em discussão.** São Paulo: Summus, 1992.

LATERMAN, I. **Violência, incivildades em disciplinas no meio escolar – um estudo em dois estabelecimentos da rede pública**. Florianópolis: Universidade federal de santa Catarina. (Dissertação de Mestrado), 1999.

LIMA, A. L. G. **De como Ensinar o Aluno a Obedecer (Um estudo dos discursos sobre a disciplina escolar entre 1944 e 1965)**. São Paulo: Faculdade de Educação/USP. (Dissertação de Mestrado), 1999.

LOPES, S. C. **A criança e a indisciplina escolar – uma visão psicanalítica**. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas. (Dissertação de Mestrado), 1999.

LUCHESE, C. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. São Paulo: Cortez, 1996.

MANOEL, E. J; KOKOBUN, E; TANI, G. O; PROENÇA, J. E. **Educação Física Escolar – fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista**. São Paulo: EPU: Universidade de São Paulo, 1998.

MEDEIROS, C. P. **Indisciplina e mal-estar na educação: uma reflexão a partir da ética da psicanálise**. São Paulo: Faculdade de Educação/USP.

MENEZES, J. G. C. **Estrutura e funcionamento do ensino básico- leituras**. São Paulo: Pioneira, 1998.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 4. Ed. São Paulo, HUCITEC ABRASCO, 1996.

MIRANDA, M. I. F. **Violência nas escolas sob o olhar da saúde – das indisciplinas e incivildades às morbidades por causas externas**. Ribeirão Preto: Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. (Tese de Doutorado), 2004.

MÜLLER, J. L. **Disciplina / indisciplina no cotidiano escolar**. Universidade Regional do Noroeste do Estado de São Paulo. (Dissertação de Mestrado), 2000.

NUNES, J. M. (In) **Disciplina escolar: a visão dos alunos**. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná. (Dissertação de Mestrado), 2000.

PEREIRA, M. J. M. **Disciplina e castigo na escola: um estudo a partir da trajetória de vida de duas professoras do ensino Fundamental**. Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. (Dissertação de Mestrado), 2000.

REBELO, R. A. A. **Indisciplina escolar – multiplicidades de causa e sujeitos – um olhar a escola Municipal de Ensino Fundamental – José Honório Rodrigues**, São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. (Dissertação de Mestrado), 2000.

REGO, T. C. R. **A origem da singularidade humana. Análises de hipóteses de educadores à luz da perspectiva de Vygotsky**. São Paulo: Faculdade de Educação/USP. (Dissertação de Mestrado), 1998.

RIBEIRÃO PRETO (cidade). **Indicadores Econômicos. CODERP.** Disponível em: <<http://www.coderp.org>>. Acesso em 05/04/2004.

ROURE, S. A. G. **Concepções de indisciplina escolar e limites do psicologismo na educação.** Goiânia: Universidade Federal de Goiás. (Dissertação de Mestrado), 2000.

SELTIZ; JAHODA; DEUTSCH e COOK. **Métodos de pesquisa nas relações sociais.** Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: EPU, 1974.

SILVA, M. M. **Influências do contexto nas significações das relações entre professores e alunos em ambientes escolares de exclusão. Taguatinga - DF.** Brasília: Universidade Católica de Brasília – Faculdade de Psicologia. (Dissertação de Mestrado), 2001.

SMITHY, P; SHARP, S. **Scholl Bullyng – insights and perspectives.** London; New York – Routledge, 1994. 263p.

SOUZA, M. M. S. D. **Indisciplina escolar: como os professores do ensino fundamental da escola pública lidam com esse problema.** Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro. (Dissertação de Mestrado), 1997.

STOER, S. O debate sobre a indisciplina na escola. **Educação, Sociedade e Cultura.** Lisboa, n.1, v.1, Portugal, 1995, pp. 141-169.

VITALE, M. A. F. **Vergonha, um estudo em três gerações**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. (Dissertação de Mestrado), 1994.

ANEXOS

ANEXO I. – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA.

As questões da entrevista procuraram levantar dados sobre:

- 1) Local de moradia.
- 2) Tipo de residência.
- 3) Etnia.
- 4) Constituição familiar.
- 5) Familiares com antecedentes criminais.
- 6) Passagens dos alunos pela FEBEM.
- 7) Nível de escolaridade dos pais.
- 8) Ocupação dos pais.
- 9) Reprovação escolar dos alunos.
- 10) O que os alunos fazem quando não estão na escola.
- 11) Local em que eles mais gostavam de estar.
- 12) Do que eles mais gostavam na escola.
- 13) Do que eles menos gostavam na escola.
- 14) De quem os alunos mais gostavam em suas casas.
- 15) De quem eles menos gostavam dentro de suas casas e por quê?
- 16) Aspiração profissional.
- 17) Gravidez.
- 18) Uso de drogas.